

13

REVISTA TRIMENSA

R1H65

13

vol. VIII

Instituto Historico e Geographico de Sergipe

Fundado em 1912, reconhecido
de utilidade publica pela Lei n. 694, de 9 de No-
vembro de 1915 e considerado de
utilidade continental pela Resolucao n. 38 do Con-
gresso Americano de Bibliographia
e Historia de Buenos-Ayres.

Anno XIII (1928)

N. 13 - Volume VIII

Redactores: *Dr. Ascendino X. de Argollo,
Nicanor Ribeiro Nunes e
Pedro Salfer Machado.*

ARACAJU

Est. Grap. - José Luis de Carvalho A.

1929

55-20034

REVISTA TRIMENSAL

— 100 —

Instituto Historico e Geographico de Sergipe

.....

Fundado em 1912; reconhecido de utilidade publica pela Lei n. 694, de 9 de Novembro de 1915 e considerado de utilidade continental pela Resoluçao n. 53 do Congresso Americano de Bibliographia e Historia de Buenos-Ayres.

Anno XIII (1928)

N. 13 - Volume VIII

.....

Redactores: *Dr. Ascendino F. de Argollo,
Nicanor Ribeiro Nunes e
Pedro Sotero Machado*



ARACAJU
Est. Graph. José Lins de Carvalho
1929



DIRECTORIA ACTUAL

DO

Instituto Historico e Geographico de Sergipe

Biennio de 1927 - 1929

Presidente honorario — Coronel Manoel Corrêa Dantas
Presidente effectivo — Dr. Francisco Carneiro Nobre de
Lacerda

1.º Vice-presidente — Dr. Manoel dos P. de O. Telles

2.º Vice-presidente — Desembargador Lupicino Amyn-
thas da Costa Barros

Secretario Geral — Dr. Nyceu Dantas

1.º Secretario — Prof. Florentino Telles de Menezes

2.º Secretario — Dr. Enoek Santiago

Orador — Dr. Edison de Oliveira Ribeiro

Thesoureiro — Epiphania da Fonseca Doria.

COMMISSÕES

Fazenda e Orçamento: Desembargador João Maynard,
Dr. Alexandre Lobão e Desembargador Octavio
Cardoso.

Historia: Professor Arthur Fortes, Dr. Manoel Candido
dos Santos Pereira e Dr. Elias Montalvão.

Geographia: Desembargador Francisco Monteiro de
Almeida, Dr. Edgar Coelho e Dr. Prado Sampaio.

Admissão de socios: Coronel Jardelino Porto, João
Montalvão Mattos e Joaquim Lins de Carvalho.

Manuscriptos e autographos: Dr. Manoel Peretti da
Silva Guimarães, Desemb. A. Teixeira Fontes e
Orlando Baptista Bittencourt.

Revista: Dr. Ascendino Argollo, Nicanor Ribeiro Nu-
nes e Pedro Sotero Machado.

Revista Trimensal

— DO —

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DE SERGIPE



Dr. Washington Luis Pereira de Souza

Eminente Presidente da Republica



Merecida Homenagem

Temos como dever indeclinavel pôr sempre em destacado relêvo a personalidade dos que dão á sociedade os mais edificantes exemplos de civismo.

Fora dahi seria collocar o merito e o demerito na mesma craveira, desvirtuando assim o equilibrio social.

E a historia nunca seria a expressão real da vida ou, melhor, dos actos humanos.

Conscios desse dever é que, secundando o Instituto, de que somos orgão, nas homenagens por elle prestadas, a 22 de Dezembro, ao preclaro Dr. Washington Luis, cujo governo vai despertando na consciencia nacional os mais justos applausos, honramos hoje esta pagina com o seu retrato.

Modesta prova de apreço é esta, bem sabemos, mas nenhuma outra será feita jamais com maior sinceridade.



PELA HISTORIA

Um trecho do Sergipe Ocidental (*)

I

A leitura de umas paginas inéditas sobre a historia da fundação da cidade de Simão Dias, encravada na linha ocidental dos limites de Sergipe,— quasi á fimbria alongada dos Sertões,— foi-me incentivo para o plano de um breve estudo sobre o facies geografico do seu municipio.

E na pesquisa que fiz de elementos para a construção deste esôrço colhi resultados, que me animaram á sua publicação.

O assunto é de molde a só interessar directamente os habitantes desse recanto futurozo, situado nas curvas limitrofes que traçou a Bahia a Sergipe, nessa zona.

Mas não perde, por este fato, a curiozidade que por ali possa despertar aos olhos de todo o Sergipe, em lhe sendo até o traço historico-geografico nessa diviza do Poente.

Em artigos sucessivos irei dando corpo ás notas que esparsamente obtive, construindo, á feição das impressões que recebi da diréta observação

(*) Este trabalho, escripto ha 17 annos para o *Diario da Manhã*, foi vasado na orthographia da Academia de Letras, segundo um plano que foi apresentado para estado. Conserva-se, pois, na linguagem de sua publicação.

dessas paragens, — em remotos tempos assinaladas vagamente sob a denominação geral de *Itabaianassa*, — o seu traçado geográfico, imperfeitamente conhecido.

Estudarei, de relance, a zona ocidental de Sergipe, nos seus relevos orográficos e no retalhamento dos seus rios. Em seguida ferirei, de leve, a classica questão de limites entre Bahia e Sergipe, para então localizar o município de Simão Dias.

Constituirão após objeto de estudo os seguintes têmeas: orografia e hidrografia locais; uma breve excursão pela geologia do Estado e apanhamentos geológicos do município; noticia espeleológica e furnas; a paleontologia e uma importante vala de fosseis, sêcas e os seus lamentáveis resultados nessa zona; devastação florestal e assuntos pertinentes.

Rezervarei para uma segunda parte a face politico-social, em que darei uma summa sobre o caracter das gentes dessas bandas, temperamento, aptidões, religião e sentimentos, etc.

Que me relevem os meus patricios, á conta da complexidade dos têmeas enunciados, os senões que me não foi dado expunzir de vez.

Numa couza, porém, posso de já afirmar: — é que através destas linhas só se vislumbrará, tirante as citações cujo valor dimana de autoridades competentes, a verdade do que vi e observei.

É faço minhas estas palavras de Vaccaro: (1)
«Não sei si ao apresentar-se diante dum publico mais numeroso e mais selecto, o meu modesto livro terá o acolhimento que é de costume fazer-se ao camponez que, em traje domingueiro, se apresenta pela primeira vez em casa d'um fidalgo».

Julguem os criticos...

* * *

Alteando em amplas chapadas, emerjentes de onde se aprumam, galgando os céos claros, ao rumo

(1) A lucta pela vida, Prefacio da Edição Franceza.

do massiço central da Serra de Itabaiana, algumas elevações de pequena estatura, dezata-se a zona ocidental do Estado, numa extensão aproximada de 165 quilometros (2).

Dominam-na os terrassos aplainados de grandes taboleiros, perturbados, de onde em onde, pela linha divizoria das colinas, que surjem orladas de matas, que se prolongam, por vezes, de suas encostas verdejantes e sombrias até á região desnuda dos campos, onde abrolha, rasteira e raquitica, a flora folhica do agreste.

Retalham-na, cavando-lhe no chão enrijado leitões estragados e corroidos pela eroção destruidora das torrentes, rios de pequeno volume, rumados aos torcicobos para o litoral, na direção de oeste leste.

Das margens extensas do S. Francisco, ao norte, até ás bordas apequenadas do Rio Real, derivante entre irregulares alamêdas de copados quixabas, ao sul, poucas variantes apresenta, no aspeto, o territorio.

Duas, apenas, as diferenças que repontam, caracterizadas, no facies geografico dessa região:— os taboleiros uniformes e desvestidos, de um lado, e as faixas verdes das matas fertes, cinjindo, de outro lado, os flancos arborizados das serras, talhadas na planura elevada das chapadas.

Perpendiculares á costa se estendem, desde as fajdas da Serra Nêgra, as terras altas de Sergipe, que vão culminar, em elevações maiores, nos Picos da Cahahyba, Miaba, Itabaiana e Cajueiro, seguindo após em depressões sucessivas, numa sequencia de serrotes de lombos arredondados, para sudoeste, onde, de novo, se empinam vingando o espinhaço da Serra dos Palmares, coberta de virentes leques de palmeiras e ouricurizeiros tremulantes.

Descambam, em seguida, em socalcos continuos para as longas planicies abertas de Campos, onde, num remate, ainda crecem no corpo da Serra do

(2) Laudelino Freire. Quadro chorographico de Sergipe.

Caniny, em torno da qual vão morrer, rentes com o nível geral do sólo circumjacente, as raízes de outros cêrros abaúlados e menores.

E dão, de norte a sul, essas serras, na sua feição geral, a impressão de uma pequena cordilheira desmembrada, que se distende num paralelo ao Oceano . . .

Contornando essas eminencias do solo correm, encurvados e torcidos, os principaes rios que formam o sistêma hydrografico do Estado.

Ao norte, espraiaando-se em leito profundado e amplo, deca, majestozo, o S. Francisco, limite natural e hodierno entre os Estados de Sergipe e Alagôas.

Vem depois, em marcha estirada e longa, da Serra da Itiúba, nos adustos sertões da Bahia, o Vaza-Barris extenso e torturado.

Do sopé da Serra dos Palmares corre, descrevendo um curso cheio de inflexões, rolando num leito atollado de pedras, o Piauihy encachoeirado. E fechando ao sul a area do Estado, nace do lugar chamado Lagôa de S. Francisco o Rio Real, limite vigente, nessa região, entre Sergipe e Bahia.

Entre essas bacias principaes outros rios serpejam.

De permeio deslizam afluentes breves, corregos diminutos, efemeros ás veves, ligando-se ao cabo em pequenas anastomozes até se lançarem no bôjo central das correntas maiores.

Tal é, em sintheze, a feição geografica dessa zona.

II

Conhecido, num lance d'olhos geral, o facies desse trato occidental do territorio sergipano, variante da monotonia dos taboleiros descalvados para o aspecto pinturesco da floresta, distribuida nos flancos inclinados das montanhas e no seio ameno dos vales frescos, passo a traçar a linha circular-dentro na qual se encerra o municipio de Simão Dias, objeto deste estudo.

Reponha, pois, do primeiro passo, como um começo lógico de exposição, limitar a área do território a estudar. E surge, então, irremissivelmente, a velha questão de limites entre Bahia e Sergipe, na linha que perlonga os terrenos compreendidos entre as cabeceiras do rio Xingó e as nascentes do Rio Real.

Não me demorarei, porém, na análise desta pendência, que reclama trabalho mais pensado e aberrararia dos moldes sinjelos deste escôrço.

Proficientemente cuidada, sobre a baze solida de verdades conquistadas pelo exame direto das parajens litijiosas, escudada numa documentação valioza e esmagadora, e á luz de um metodo, de uma logica incontundível, — esta questão não deixará duvidas ao espirito do investigador, que se der á tarefa de ler mindamente o trabalho do padre dr. João de Mattos Freire de Carvalho, sob a epigrafo — *Sergipe e Bahia (Questão de Limites)*. (1)

Lá poderá o leitor colher fartamente, através das paginas, sobrias nas palavras, mas exuberantes nas conclusões logicas, nos documentos decizivos, nas provas frizantes e claras, o conhecimento perfeito da cauza, infelizmente relegada ao esquecimento e á ignorancia, em cujo centro opaco, vai para muitos anos, Sergipe vê, pouco e pouco, tremular, numa combustão que se extingue, as luzes quazi periclitantes do seu direito, outróra radiantes num esplendor de auras.

Uma ou outra... poucas as vozes dos patriotas sonhadóres, que se têm alevantado na liça despoitada e dezerta desta campanha sagrada, em que, meio esfarrapada, baloiça, ás rajadas adversas do poderio bahiano, a bandeira glorioza que guardára, no passado, firmando uma orla de respeito e auto-

(1) Esta questão assume feição inteiramente nova depois do *Congresso de Geographia de Billo Horizonte*, em que foi conhecida a preciosa e exhaustivo memoria de Ivo de Prado — *A Capitania de Sergipe*, monumento de erudição e logica, que serve de marco incontundível á pendência entre os dois Estados.

nomia, as possessões da Capitania de Sergipe d'El Rei. Falhos e mais ou menos defeituozos são os escritos que, respeito a esta sedição desinteliencia interestadual, correm impressos e se empoeiram, invalidos e esquecidos, nas estantes das bibliotecas nacionaes. É por se achar izento destas increpações ponderozas e justas, é que aponto o trabalho citado como a melhor e mais copioza fonte de informações. E' que emquanto cronistas e geografos com material de emprestimo, rebuscando aqui e ali dados incompletos, inspirados em narrativas nem sempre verdadeiras, copiando uns dos outros e conseguintemente repetindo sempre os mesmo erros, levantaram cartas geograficas ou escreveram memorias insufficientes, o autor referido « não contente com informações e com a leitura de escriptores sobre esses limites », « em viagem pelos sertões de Geremoabo », (2) palmilhava, e via, e estudava directamente a extensa faixa territorial, onde a Bahia firmou os tentaculos da sua conquista, açambarcando na tortuosidade das suas curvas premeditadas o dominio já bem desfalcado do pequeno Estado vizinho.

Não ha, pois, hezitar:—de um lado a reprodução, a copia, o por ouvir dizer: do outro lado o exame real, a verdade, o facto!

Dê-se, então, o ledor a uma caminhada intellectual através das páginas ponderadas e proveitozas deste livro, já meio adormecido no pouco cazo visceral e dissolvente com que, por via de regra, estão os nossos homens avezados a encarar os problemas de interesse geral—não individual, restrito, imediato!—e verá como a Bahia procurou torcer a verdade, invertendo, o quanto ponde, a ordem natural dos seus limites nessa minguada zona. É mais triste ainda: num remate breve, contemplará, pasmado, a indiferença, a calma com que fomos, os sergipa-

(2) Padre dr. João de Mattos Freire de Carvalho. Sergipe e Bahia — (Questão de Limites).

nes, fujindo pouco e pouco para o litoral estreito, enquanto o vizinho poderoso avançava na conquista, romando, a contento, os apertados limites a que atualmente nos enjimos.

Hoje, nesta época premente de realismo monetario, em que um mercantilismo ferrenho derroca virtudes e abate caracteres, de pouco valem palavras sinceras e abnegados esforços em defeza de uma cauza, que dá trabalho e não resulta em pingues lucros de ordem material. Daí, necessariamente, a glacialidade que gela as enerjias do povo, a indiferença que o amortalha, moralmente succumbido e acabrunhado deante dos problemas maiores, acima da satisfação direta e immediata dos acanhados interesses individuaes.

Pareça, embóra, uma aspiração irrealizavel, um sonho de môço amanhecendo no céu sereno da confiança num ideal ardentemente querido, creio que ainda acordará, no seio premido da nação sergipana, do sono prolongado em que pezadamente adormeceu, a força conciente e poderosa do seu direito, insolitamente burlado. Ficarão abalados, então, os falsos alicerces da usurpação actual. E o pequeno cantão da União brasileira se reintegrará com a reivindicação do territorio, que lhe foi indevidamente tomado, fuljindo com mais brilho na constelação do estandarte nacional a sua lucilante estrela.

Nem por isto, ficará diminuída a vasta e portentosa Bahia!

Ao contrario:—aos olhos imparciaes do Brazil, patria comum, ella subirá, num crescendo dilatado, desiraldando sob o azul formozo dos nossos céos trópicaes, um gesto nobre de Justiça!

E Sergipe, para todo o sempre, ficará de fato como o é de lei.

III

Afastada, assim, esta questão especial de limites da frágil contextura deste esboço, basto-me jizer as linhas dominantes, que contornam, limitando-o, o Município de Simão Dias.

Para não incidir na repetição monotona e fastidiosa de velhas leis de leitura pouco convidativa, aponto o compulsar, como imprescindível, as disposições das Leis de 6 de Fevereiro de 1835, de 28 do mesmo mez e ano, a de 15 de Março 1850, e a de 16 de Junho de 1847 (1).

Tomou por centro a cidade, em torno da qual se dilata, de aspéto variado, a area municipal.

Assentada no lombo dezigual de uma baixada extensa, no suave declive de um estirado taboleiro ao sul, á margem do remansado Caiçá poetico, de placidas aguas sem arruido, deslocando-se, imperceptiveis quazi, no leito pequeno e descolmado, de viventes bordas onde se estendem, prolongando-lhe o curso sinuôzo, os lençoes vêrdes das malhadas, — está a cidade de Simão-Dias, 258 metros sobre o mar, (2) aos 10° e 42' de latitude meridional e 5° e 17' de longitude oriental. (3) Abarreiram-na, ao norte, os espinhaços mutilados dos serrotes, que parecem de alturas culminantes no contraste que apresentam com o tablado razo dos taboleiros, distendidos ao sul.

É para logo, palpavelmente caracterizado, o aspéto duplo do territorio: verdeengas montanhas de cujo seio uberrimo, manam, cascadeando, as linhas claras de pequenos olhos d'agua, e os campos desmedidos e uniformes, forrados de relva amarelenta e emperrada, intermitidos, de onde em onde, pelos candeiaes rezistentes, em meio aos quaes crecem jurêmas preciosas e pastam gados de criação.

Longe... por detrás das roliças almofadas dos cêrros, que se agrupam, numa sequencia traçada de nordeste, para noroeste, zigzagueando passa o Vaza-Barris, de marcha violenta e dezabalada nas enchentes subitaneas, agitadas, caóticas, ou cortado em poços, leito a descoberto em espaços longos, nas aberturas climaticas das estações más.

(1) Felisbello Freire—Historia Territorial do Brazil.

(2) Dr. Greenalght.

(3) Laudelino Freire—Quadro Chorographico de Sergipe.

De um e de outro lado arqueiam-se as terras adjacentes.

A' margem esquerda vão se erguendo, num crescendo sensível, pequenas colinas, a principio ondulantes num nível mais ou menos igual e depois, mais para longe... avultando nas acidações dominantes da Serra de Itabaiana, golpeada em recortes abruptos, d'onde emergem, como imensas pirâmides alterozas, os cumes salientes.

Inflétindo para leste, no seguimento das iminências irradiantes do grôso central de Itabaiana, ergue-se, majestosa, a Serra da Miaba, de pincaços escarpados, derivante de onde cascatêa o ltororó cristalino, aguas vertendo, marulhozamente, pelas encostas bravias da montanha alpestre.

Do outro lado, á margem direita, menos elevados sobem os cêrros. Formas arredondadas e mais ou menos semelhantes dão o traço característico. E' dentro do municipio; a poucos quilometros da cidade, uma legua, se tanto... De nordeste para poente, em direitura, cavalgando os terrenos meio baixos das planices, que se dezatam de leste para sul, caminha uma feira alongada de pequenas altitudes, que confinam, a breve trêcho, com o horizonte estreito.

Reponta, de principio, a Serra da Cruz, na sua meia altura simpatica, selada em meio por uma depressão suave entre dois pequenos cabêços, como o dorso imenso e fantastico de camêlo ajigantado, ostentando as jibas desgraçadas.

A' frente seguem, no mesmo rumo e de menores estatúras, a Cacula e a Tabóca, em cujos seios se rasgam, aflorando de entre chapas de pedras superpostas, preciosos olhos d'agua, ricos mananciaes que concorrem, em muito, para dessedentar, nas épocas anormaes e angustiadas das sêcas ardentes, a população ensofregada, que se abeira, sedenta, das suas lajes húmidas, diluentes em tenues filêtes liquidos e alvos.

Quazi a noroeste levanta-se a Serra do Buri, sustendo, erguidas na sua lombada horizontal, algu-

mas habitações rústicas, batidas dos ventos de leste, que farfalham, sussurantes, entre os flabélos abertos das buris viçosas.

Nessa imediação irrompe igualmente a Serra da Sanguesúga, varando para o norte numa extensão dilatada de terrenos, que lhe recebem o nome. Continúa na Serra da Ladeira, uma quazi planúria elevada, esvêrdeando na cobertura sinjela dos canaviaes, ou cintada das alas compridas de fruteiral, em meio ao qual se abrem os corredôres alongados dos preciosos cafeeiros.

Avançando à frente avulta, então, arrogante na sua gala florestal, a Serra do Fundão, contrastando pela roupagem vêrde das matas, que a cobrem, com a feição geral de outros terrenos do município, barbaramente despojados de sua flóra luxuriante pela inconsciencia lamentavel de muitos proprietarios, anquillozados na pratica secular de uma lavoura rotineira e má.

No torso oblongo dessa serra, a pouca altura, crecem, dividindo-a em meio, dois recortes ovaes, diminuindo de uma banda na direcção da Lagôa Salgada, — por onde passa rumo torcido e curiozo dos limites impostos pela Bahia a Sergipe, — e pendentes, na outra encosta, para uma pequena área gradada, onde está edificada, de aspeto agradavel e poetico, a Fazenda Baixão, guarda avançada do territorio do Estado nessa confinante occidental. E vai morrer adiante, descambando para um planalto, que emenda com a Serra do Cuité, na fronteira...

Dentro, de sob a copa frondosa e protetôra da floresta, verte, do flanco humedecido da montanha, o filtro copiozo de uma nascente, ao pé da qual vão estrujir, em defonações que se prolongam, ecoando... os disparos diuturnos de vagabundos caçadores, levados àquelas paragens na pesquisa destruidôra das caçadas, e onde esvoaçam, decendo alegremente para a bebida, a meiga juriti, de canto modulado e triste, a zabelê inexpressa, acudindo à chamada pela imitação da sua voz monotona, que o povo traduz onomatopaicamente, *fôgo... sá... zabelê...* e a inham-

bú trilhadora, fazendo arruïdo nas fôlhas sêcas, que forram o chão, ou colando-se a este, de urupijio empinado, ao vento, sempre que uma rajada mais forte sacudindo, em cima, a galhada dos matos, parece-lhe pôr o mundo a baixo . . .

IV

Está-se agora em pleno dominio contestado.

No tôpo de um sólo elevado, 415 metros sobre o mar (1), branqueiam, ao longe, as torres caïdas da Igreja da Villa do Patrocïnio do Cuité, primeiro ponto da Bahia nesses confins lonjinhos.

Limitam-lhe o municipio as terras de propriedade do Coronel Antonio Manoel de Carvalho, poderosa antemural, onde, de subito, se cruzam impotentes, os braços construjentes da usurpação bahiana.

Não é que a não tentassem transpor, em acão deciziva e triunfante, algum *conditicio* do governo da Bahia.

E é fato conhecido que, ha não muito tempo, cobradores de impostos fiscaes do Cuité deceram até ali, apresentando a um pobre rendeiro aboletado numa caza de taipa, á beira de palmilhada estrada, que corre no Estado de Sergipe, a intimação arbitraria de satisfazer a uma coleta, levantada pelas autoridades municipaes daquela vila.

Felizmente isto não passou de um mal ensaiado vôo de rapaces de azas curtas.

A tentativa foi prontamente rechassada, deixando apenas, em relêvo expressivo e eydente, entrever aos sergipanos rezidentes nessas bandas que ainda não se saciou da conquista a Bahia poderosa.

Mas, vontade firme e dedicação patriotica, grandemente provadas, o Coronel Antonio Manoel de Carvalho propozitadamente ali plantou, contornando os seus dominios, grandes cêrcas de arame, rasgan-

(1) Dr. Greenalght.

do matas e rompendo capuêras, decendo baixadas e galgando cêrros, e deante das quaes têm abortado as investidas do vizinho Estado.

Fechando este breve parêntese, incidentimente aberto, reflúo á descrição orografica de que me venho ocupando.

Em ruínas, desmantelada, no sopé da Serra do Cuité está a Fazenda Cuité Velho, lejendario recanto, onde, outr'ora, nos primordios da vida civil da vila do mesmo nome, se reunia o quartel general da politica dessas bandas, sob a influencia proclamada e real do Capitão Joaquim José de Carvalho. Desse logar recebe a denominação a vila, assentada em cima, na cumieira alongada da serra.

Inflitando um pouco para noroeste altêa-se a Serra do Galdino, vincada, num flanco, pela faixa endurada de longa estrada, macadamizada ao pizo de um numero sem fim de tropeiros alegres, que demandan os distantes sertões de Uauá, Chorochó, Massacará, Canudos e outros tantos logarejos dezo-lados daquella extensa rejão dos *Cariris* bahianos, ou dos viandantes quotidianos que se cruzam entre Simão Dias e Cuité, no commercio reciproco que mantêm, ou ainda, e principalmente, pelo remorado desfilar contínuo das boiadas mansas, conduzidas ao toar monotono do aboiamento planjente dos vaqueiros encourados, cavalgando árdegos cavalos, afeitos ás batidas rudes das catingas.

Na outra ilharga, quazi em vertical, dece a serra em desfiladeiro sensível, afogando-se, de subito, no vale frondente, que se lhe distende ao pé. Segue-se a Serra das Antas, tambem enriquecida de verdejantes matas. Do mesmo passo, mais para longe, a Serra do Poção, e ao lado sul a Serra da Rapôza, através das quaes, em leito guarnecido de fôlhas caídas, murchas, das arvores altas que lhe ladeiam o curso, suavemente desliza fresco filão de agua, brotado do ôlho d'agua da Malhada Vermêlha.

Dentro do perimetro traçado pelo vizo desses relêvos orograficos, outras elevações surjem, confundindo-se quazi num ondear de rebo-lúdos camaleões

de semelhantes rebordos, afogados no recamo das frondes das peróbas, de flôres arroxeadas, e ponteados dos linheiros caules dos itapicúrús esguios e compridos. Omito-lhes os nomes sem nisto sofrer o intresse da descrição. Seria um nunca acabar o citar-lhes, por inteiro, a nomenclatura. Baste-me, como remate ao quadro desse sitio, apontar o alto do Tavares, ao longo do qual, em volteios repetidos, vai decendo, placidamente, o Caiça sereno...

De oeste para sul ainda altêa, ondulado, o territorio. Já, porem, começa o desdobrar continuo dos taboleiros...

Releva notar os nomes das Serras Grande, Páu de Colher, Saco Grande, Saco Comprido, Castanha e outras, que sobresaem, nessas e outras paragens, em altos muramentos de arqueadúras dispáres.

V

E' ao sul...

Cavado caóticamente pelas enxurrádas bravias das aguas em dezalinho, derivantes á mercê dos pendores de bazes carcomidas, bojudo e referto após as chuvas subtaneas das trovoadas breves, ou deprimido e lento normalmente, estira-se, em leito ricado de pedras a êsmo, o rio Jacaré, distante tres leguas da cidade de Simão-Dias.

Perlongam-lhe o curso marjens clivozas e gretadas pelos sulcos violentos, abertos na terra desmoronada, ao torvelinhar impetuôzo das enchentes temerozas. E vai morrer adiante... depois de envesgar pelos esporões da Serra dos Palmares, que lhe despeja o riacho Cabôclo, na bacia do Piauí. Funde-se na planura vasta dos campos com o Caiça, seu tributario.

Quazi paralelamente avulta, crescendo... subindo... dominando... a formozza Serra dos Palmares, talhada no seio uberrimo dos vales, de um lado, e de raizes cravadas nas planicies desmarcadas, que se prolongam, da outra parte, até aos campos descorbertos e estereis do Samba, diminúto vi-

larêjo aonde aportam os viajôres que cruzam os caminhos de Simão-Dias a Timbó. De espaldas longas e húmidas, protegidas pela frondejante colgadura das selvas, de onde em onde abertas, em quadro, nas clareiras das roças, essa serra é um tezoiro inaproveitado nesse trato do solo serjipano.

Quando intensa é a sêca e se contorce, estomeada e sedenta, a miseravel população emigrante, que foje, espavorida, deixando dezertos e ermos os logares incendiados pela adustão dos sóes flamejantes, é consolador o espetáculo, que se apresenta, ao contemplar-se viçoza, engalanada, a flora variada que cobre as costas desses comoros sombrios, onde farfalham, a granel, as palmas virentes de ricas palmeiras elegantes e uteis.

Kompentes das suas entranhas ferteis instilam inumeraveis fontes, de onde silenciosamente deslizam, em fios alongados e claros, calmos ribeiros de leitos razos e margens orvalhadas. E, ás vezes, quebrando-se de chofre, nas pedras expostas e dispersas nos flancos taludados da montanha, espumejam, decendo... envesgados arroios, que vão scachoar, em baixo, de encontro ás cascatinhas ruidózas do Piauhy.

E' ella, a mais, poderoso condensador dos vapores aquózos, que sobem, em densas colunas, em direção a essas parajens, aonde se vão precipitar em chuyas copiozas, ao contacto dos paredões arborizados da serra.

Ahi se esbarram os ventos carregados de humidade, que se dilúe, liquificando-se em limpidas gotas de orvalho fresco.

Nunca lhe faltaram chuyas, e nas intermitencias clamorozas das sêcas adustivas o tom verdejante das suas matas jamais esmaeceu, como sóe acontecer a outras rejiões feridas do flagelo, onde as arvores amarelecem, adoentam e morrem, sob o aguilhão da mizéria geral.

Pena é que vá em franca marcha a devastação imprevidente desses bosques inestimaveis!...

O povo não conhece, além das ardentes tochas

do fogo destruidor, nenhum outro processo racional de cultivar a terra.

Impera o prejuizo atávico dos seus maiores! E enquanto se não libertar a lavoura serjipana do jugo atrofiante de velhos preconceitos, cimentados na pratica diuturna e rebarbativa da destruição flórestal, nenhum empêço encontrará, no seu caminhar fatidico, o fenomeno climatico das sêcas.

Adeante estudarei em particular, este assunto; volvo agora á descripção interrompida.

A' marjem esquerda do Jacaré, caminho feito para Simão-Dias.

Ondulações pouco importantes daí por deante aparecem.

A um plano mais elevado descortina-se, imponente, o teatro sugestivo dos cerros azulados, em debandada pelas planicies dos campos relvados, ou ao longo dos rios, escorregando para o litoral, em fuga... Distante... numa curva esteita do Caiçá, meio deprimida alevanta-se a Serra das Laranjeiras, saliente entre corcóvas diminutas de alguns outeiros.

E com breves intermitencias de comoros verdejantes, prolonga-se, desmedidamente, o amplo cenário dos taboleiros...

De Simão Dias a Lagarto, — velha cidade edificada na vasta planura de uma chapada, — é o rejime que impera: enormes terrenos planos revestidos da flóra meã dos candeiaes, dentro nos quaes figúram os araçazeiros cubiqados, a emperrada sambaiba, de fôlhas enrijadas e ásperas, os alecrins perfumozos, e enorme variedade de caetáceas, braços angulosos e espinecentes erguidos para os céos, que lhe despedem os raios abrazados do sol intertropical. Em grandes toiceiras intrincadas alastram-se macambiras, de recúrvos bordos espinhózos, acoitando, ariscos e medrozos, os preás fujitivos. Abundantes espécimes de bromeliceas formam canteiros numerosos, dispersos pela vastidão triste dos taboleiros. Izolada no meio dessa região empina-se a Serra do Boieiro, alongados flancos recortadss de ró-

ças, ou listrados das tiras encaracoladas das capuêras enfezadas. Para sudeste se apruma, igualmente devastada, a Serra da Picada.

E de novo o rejime rasteiro e deprimido dos taboleiros, que levam até ali a extensa mancha parda dos *Cariris* (1) vincando o chão quebradiço e pouco resistente, desgramadas surjem as trilhas coleadas das estradas, ao longo das quaes, de onde em onde, apontam desgraciosas habitações, de toscos beirões salientes e rudes paredes *a sopro*. Suspensa a uma janelinha estreita, de forma retangular, aberta á frente das cazas achatadas dos caminhos dezertos, está uma verde garrafa, sinão uma botija, bamboante ao vento, preza por uma fólha de pindoba, ou uma fibra de caroá.

É a *pinga*. O viajante achega-se-lhe para sorver um trago da bebida ardente. É crença, arraigada nos velhos habitos no povo, que a *cachacinha* espalha o sangue e contrabalança os ardores dos dias quentes, como ajita e aquece o corpo na frieza dos dias invernosos... É por isto, gostosamente, injere uma forte doze de álcool. Justifica-lh'o uma quadrazinha do «folk-lore»:

O beber alegre a gente,
O fumar nos dá prazer;
Quem não bebe, quem não fuma,
Que alegria pode ter?

A perder de vista... sob o emaranhado de estacas tortas de engranzadas cercas, divididas em regos alinhados de compridos valados, continúam, razas, as mesmas terras, de quando em quando ponteadas de toscas santa-cruzes, onde mãos piedozas de crentes vão, pouco e pouco, formando um pedestal de soltas e lizas pedras empilhadas.

Mais alem... apagando-se em lonjes mortiços...

(1) S. Romero — Provoações e Debates — «As zonas sociaes e a situação do Povo.»

assoma a enfiada de roliços montes, esbatidos no horizonte.

Erguendo-se do solo abatido, a subitas aparece enorme chapada de telhados avermelhado-escuros e sobre eles, clareando, as alvas paredes das torres rebrilhantes de uma igreja. A essa altura sacodem-se, ao luar da ventania, os leques de uma formosa palmeira real—*oreodoxa oleracea*—ai plantada nos dias adolescentes da cidade, vai para muitos anos.

E Simão Dias (*) desvenda-se, então, num crescendo, ao pé do fujitivo taboleiro, que lhe morre, desmedido, ao sul, e á orla verdejante de suas matas, abarreiraando o norte,...

Eis, em linhas geraes, o feitio geografico do municipio.

VI

Não seria acertado falar-se em particular de uma potamografia do municipio.

O Vaza-Barris é extenso, vem de longe e abala de nôvo, fugindo para outros pontos do territorio sergipano.

O Jacaré não desperta especial relêvo. Vivendo á mercê das chuvas, obedecendo ao ocilar das estações pouco regulares, parte do outeiro Mocó, na Serra dos Palmares, e vai terminar, sem dilatado curso, nas aguas do Piauíhy, que dece norteado para a faixa litoranea.

De sua passagem veloz, em dias de grandes aguaceiros, apenas fica o traço destruidor das aguas torrenciacas, de chofre canalizadas e escorridas.

O esbarrocado das marjens; a galhada sêca dos matos afogados na enchente; os monticulos da areia, despregada da terra firme e transportada, de carreira, a outros sitios distantes; os perâus profundos, cavados pelo evolver das aguas em remoinho; enfim, todo um leito carcomido, de pedras a nú e disjuntadas, fechando, a espaços, pequenos

(*) Actualmente Annapolis.

poços estagnados—eis o que de impressivo deixa esse rio, quando, cessadas as chuvas, estúam de novo as estiajens.

De importancia, porém, se firma, diminúta embora na carga liquida, a arteria salôbra e cristalina do Caiçá.

E para logo se aclara a razão desta afirmativa. Baste-me notar que esse riozinho acanhado nunca secou até hoje. E' um pequeno que se torna grande, poderoso, invencível, nas mais terriveis provações das sêcas comburentes, quando da terra se foi, chupada pelas ardencias do sol, a ultima gôta d'agua.

Estancam as fontes; mingnam e esvaziam-se os açudes; paralizam-se os corregos; não mais vertem as nacentes; mas, calmamente, um pouco diminuido apenas, vai correndo ainda o Caiçá. E' um gigante, então, na luta; reziste até vencer! As soalheiras crueis, não conseguindo expôr-lhe o leito á succão terrível dos ares aquecidos, gretam-lhe as margens, crestam-lhe as arvores protetôras, requeimam-lhe as proprias aguas, mas ele corre ainda.

E aí está a sua capital importancia. Com justeza disse dele um escritor sergipano: «*O simão-diano* o adora, reputa-o a mais vigorosa arteria de sua terra natal, e fal-a termo de comparação para todas as cousas» (1) Debuxo-lhe sumariamente o curso. Seria incompleto o trabalho que, tratando de Simão-Dias, não consagrasse uma pájina simples a um dos seus maiores bens.

Eis, pois, que a nordeste da cidade, ao pé de um couteiro, no Sitio Sabão, tem a sua origem modesta o apequenado Caiçá. A'quela distancia ninguem o julgaria capaz de tão relevantes serviços.

Estreito, tortuôzo, esquecido, ele vai, no entanto, merecer atenção e despertar cubica, adeante. E' que só perto de Simão-Dias vai crescendo o seu valor.

(1) M. P. Oliveira Telles «Sergipenses».

Escondido, sob a copa luxuriante das matas, negligentemente ele vem deslizando em leito húmido e entulhado de fôlhas. Penetra entre serras e corre entre várzeas. Vem rumado no sentido de sul, mas inflete, de pouco em pouco, em varias direções. Tem a zig-zagües delineado o curso:—enorme serpe, com sensiveis contrações nas vértebras movediças. Pequeno, sumido, ele perlonga as encostas dos cêrros e canaliza-se no estreito vale, que se aperta entre as Serras das Antas e do Poção. De esfuziote torçe para norte e irrompe, prestes, na baixada longa do Tavares. Guarnece-mhe aí a passagem compridos capinzaes e canaviaes viçosos. Apanham-no, em caminho, afluentes multiplos, engrossando-o. Cai-lhe, perto da nascente, o riacho do Olho d'Agua da Malhada Vermelha. Recebe adeante, em zona menos acidentada, os correjos Caicá, Cuité Velho, Vermelho, este ultimo derivante do Olho d'agua do Fundão, na serra do mesmo nome. Vem cair-lhe, á frente, o riacho Mercador, junto ao enjenho assim chamado. Dobrando para sul, entre a garganta escarpada de morros íngremes, cobertos escassamente da vejetação empobrecida da capuêra, ele rasga o descalvado do pasto Chora Menino. Atravessa-o e continúa, serpeando em canaviaes e orlado de renques mal dispostos de verdes bananeiras. Morrem-lhe á bacia diminutos ribeiros contorcidos.

Despejam-se-lhe numa só carga, pelo canal do riacho da Kapôza, os regatos Olho d'agua do Padre e Bom Successo,—confluentes num afluente. E marcha lento e lento, descrevendo curvas, ora entre os desvãos sombrios de novas nosgas florestaes, ou, quasi sempre, no amago do capuêral enfezado.

Atacam-no, numa dispersão de braços encarrolados, novos afluentes esguios. Periodicamente lhe vão roladas, em enxurro, as aguas do Riacho da Paca, nos torcicolos decendo... Por igual lhe succede com o Mulungú, que escorre, irrigando, ás suas bordas, vastas terras cultivadas. De momento se arquêa numa volta e segue para o norte.

E' ao lado esquerdo de Simão-Dias. Aí perpassa entre o aberto extenso das malhadas, marjeado de velhas quixabeiras garranchentas e insuladas moitas de mato rasteiro. Alguns coqueiros, ás suas margens, balançam aos ventos as palmas sussurrantes. Virentes pastajens refrescam-se ás suas bordas. Da Serra do Buri lhe vem, cavado entre roçados, o riacho do Coqueiro, confluindo á beira escavada de velho caminho palmilhado. Alimentam-se de suas aguas alambiques e vapores. Vara em seguida os terrenos ao norte da cidade, onde vai captar o Cirino, e muito lonje, após não pequena trajectoria nessa direcção, inflete para sul.

Nôvo traçado de curvas, novas marchas sinuosas. Escava taboleiros e rompe a meio dilatadas roças. Ligam-se-lhe em caminho varios córregos de efemera vida. Para alem do Taboleiro Comprido, juntos se lhe lançam o Salgadinho e o Agua Branca, de degradados alveos dezamparados e areentos. Mais em baixo, canalizado entre altos, de onde em onde alcantilados, o riacho Taboca lhe alcança o curso. Em sucessivos meandros, drainando trechos de pastajens ralas, o Mucanguê o assalta. Num angulo estreito, agudo, na baze de uma leve ondulação, cai-lhe, de subito, o Jaqueira. Passa então, periodicamente, rouquejante e rapido, o riacho Bravo, formando algadiços e atoleiros, e vai apanhal-o a um quilometro abaixo da Ponte das Laranjeiras.

Nesse local, mais para poente, num descambar de terrenos meio sífaros, tambem o atinje o riacho das Pedras, corrente sobre cascalho e areia.

E alem... 14 quilometros ao sul da cidade, o Caiçá, entroncando essa rêde complicada e dispersa, á semelhança de um sistema de veias, vai cair em cheio no leito tormentozo do Jacaré.

Finda nessa anastomoze ultima o seu voltívolo curso,

E' numa depressão suave do solo, ao longo da Chapada do Quilombo...

VII

Eis sinjuntamente pintado o Caiçá. Seria nulo se, para o valorizar, não concorressem outras qualidades, além da sua nenhuma importancia potamo-gráfica. Não tem as aguas sulcadas pelas quilhas transformadoras do progresso, nem lhe vagueiam á superficie embarcações, que lhe tragam o influxo poderoso da civilização.

Mas tem, maravilhosamente, o condão de influir sobre o destino de um povo, como se dele fôra o proprio sistema arterial, o proprio coração. E' que esse povo perenemente lhe busca toda a sorte de proventos inexauriveis, e tem a sua vida cazada com a vida desse riozinho silenciozo.

Nos seus varios poços, encravados entre lajes resvaladias, engolfadas no tapete glauco do limo aderente, banham-se, nas claras manhãs das estações propicias e nesses dias abafados das cálidas sazões estivaes, grande parte da população urbana. Homens, mulheres, crianças, procuram as refrije-rantes imersões, em pontos separados. Pôço do Boi, do Catão, da Quixabeira, da Escondida e outros tantos têm em suas aguas, diuturnamente, debatendo-se, refrescando-se, centenares de banhistas alegres e despreocupados. Aí vai o simão-diense afogar as tristezas da existencia ou rehver-se das energias consumidas no trabalho. E' um teatro de diversões e é um inestimavel sanatorio; distráe o espirito e revigora o corpo. Nunca teve os miasmas dos charcos doentios, nem jamais produziu as febres contumazes dos baixios apaúlados.

E' sempre a mesma corrente clara e silencioza. Desliza de vagar, preguiçozamente, deixando-se-lhe ver, de través, o fundo areento do alvéo coleado.

Mesmo nas arrancadas impetuosas das enchentes, quando, entumecido, crece nas ribanceiras abruptas e prestes as extravaza, espraiando-se em cenário mais amplo, não destróe, nem amedronta.

Tem, então, o ruído altisonante das vagas,

mas o seu éco não prenuncia destruição, ou desgraça.

Apenas algumas imprudentes cercas, que lhe entulhavam o leito, tomando-lhe a passagem, navegam levadas na corrente, á tona das aguas barrentas, que decem, revoltas... ás pressas.. correndo...

E' um espectáculo raro e por isto mesmo suggestivo vel-o assim. Acodem pessoas a prezenciar-o. Os mais destemerosos nadadores afoitam-se em cruzar as suas marjens, de lado a lado. E' um triumpho para o tabaréu que nada! Daí lhe advirá renome entre os companheiros, que já perpetuaram, entretecida de fantaziosas façanhas, a memoria de José David—um bronco e valente mulato afeito a essas proezas.

De norte a noroeste tem a cidade interrompido o tranzito com o municipio; é que, na fraze consagrada, o Caiçá não dá passagem. As estradas, que o atravessam, somem-se afogadas na cheia dominadôra. Mas, dois dias... um dia... horas, ás vezes, e de novo se abate, deprimido, o riozinho calmo. Não mais estadêa o colo entumecido da enchente. Foi-se-lhe o ruje ruje das aguas, lambendo o chão. E o simãodiense que o vira impando... cheio, contempla-o agora como d'antes; rasteiro, sereno, vagarosamente a decer...

No conjunto destas impressões dezataviadas, simples, vem formar uma variante sobremaneira dolorosa. E' como uma nota discordante, dezafinando numa harmonia... E é que se não tem apercebido o povo simãodiense de que vai morrendo, a cada golpe imprevidente que desfêcham, a preciosa arteria da sua terra natal. Julgam-na, talvez, providencial, eterna!... Não se satisfazem com lhe demolirem as marjens na fabricação do adôbo; devastam-nas, despindo-as das matas que as protejem. Esquecem-se de que aí vão buscar, afanozamente, poucos recursos contra os efeitos deletérios das sêcas abrazantes. Varre-se-lhes da memoria que foi acurvados sobre as cacimbas, abertas, a êsmo, nas bordas dessa corrente, onde tiraram, filtrado do

subsolo, resguardado da adustão solar, o liquido encarecido e disputado nos dias angustiados da sêde tremenda. Mutilam-na, retalham-na, matam-na! Não cuidam do futuro; escapa-lhes esta preocupação lonjinha.

E vai minguando o Caiçá...

E' que persistem ainda, praticados, dezastrosos habitos avoengos, sinistros anacronismos de efeitos lamentaveis. Não tem o pôvo a concepção da utilidade de uma arvore; abate-a por isso. Os processos primitivos das grandes derrubadas são ai de atualidade flagrante. Põem-se abaixo, inclementemente, matas inteiras, como se isto fosse a mais natural das coisas, a mais injenua das ações, o proceder mais lidimo!

Os dilatados renques de verdeongos matos; dispostos, como docéis protetôres á ourela dos minguados riachos, já não existem em parte.

Ceifaram-nos, rente, dezapiedadas foices de amolados cortes, machados afiados nessas derrocadas inominaveis.

O aplainamento desgracioso das malhadas substituiu a elegante cobertura das frondes.

É o Caiçá não mais desliza entre as alamêdas marginaes da floresta amiga; serpêa agora, a descoberto, bordas apenas plantadas de baixos capinzães e expostas á secura dos ares calidos e á dezagregação selvajem das torrentes demolidôras. A devastação continúa, impassivel, sem parar! Ai está o grito de alarma. Faz-se urgente um paradeiro ao corte criminozo, por isso que é preciso prevenir o futuro! Ou, então, nessa indiferença letal, a que vivem chumbados, aguardem os meus patricios, numa hecatombe final, a extinção irreparavel do Caiçá, que vai morrendo...

VIII

Depois da sucinta expozição do facies orografico e da descrição do acanhado traçado potamografico do municipio, vem a talho de foice algo dizer sobre a sua estrutura geologica. Não me proponho,

porém, profundar o assunto sobremaneira complexo. Escasseiam-me conhecimentos que me podessem orientar no acabamento solido de conclusões rigorosamente scientificas. Ademais não conheço trabalho nenhum sobre explorações desta natureza aí praticadas.

Em 1837 Gardner, sulcando mansamente as aguas do São Francisco, irrompia pela primeira vez no Estado de Sergipe. Mas não guarneciam, de volta, as quilhas leves de sua náu rustica—uma canôa—despojos ricos de uma conquista valorosa.

Vinte e oito annos mais tarde, em 1865, approva a Aracajú C. Fred. Hartt.

Na viagem alijeirada que seguiu, paralelamente ao Oceano, em varios pontos do Estado colhe satisfatórios resultados. Pouco tempo intervalou daí até á nova expedição, ao criterio da «Commissão Geologica do Brazil» em 1876.

Conhecia-se, alfim, melhormente o Sergipe geologico.

Força é convir, porém, que todos esses pioneiros quazi que se ativeram unicamente ao estudo da faixa litoranea. Não prolongaram suas vistas, num lance revelador, para os terrenos centraes, do interior.

Lá não penetraram ainda, esquadrinhando o seio rude da terra, as alavancas construtôras da sciencia.

As pesquisas feitas na bacia maritima do Estado paralyzaram a marcha, a breve trecho, dentro de uma area limitada. Concentraram-se nas adjacencias de Maroim e Laranjeiras, mal tocando, de raspão, as abas da Serra de Itabaiana.

O mesmo em Estancia e Santa Luzia:—morreram froixos, ás marjens do Piauíhy, nessas circumscrições, os passos da investigação scientifica.

E Simão Dias, lonje, interferindo na confinante occidental, ficou fóra do raio alcançado pelas indagações dos geologos.

Bem se vê, pois, que não foram diretamente precisadas, pela analize percuciente dos sabios, as camadas terreas dessa zona.

1. Representação de uma ordem geologica rara no Brazil.
2. A rica natureza fossilifera das muitas camadas;
3. A acessibilidade de bôa exposição através de toda a secção"—(1).

IX

Propriá e Villa Nova estão, consoante o dizer de Hartt, levantandas em terrenos cretaceos, (2) que formam um lastro extenso bordejando o São Francisco.

Afloram, tomando zona dilatada, grezes e calcareos, surjindo nas proximidades de Aracaré, de tom amarelo-pardo, uma formação estratificada, a flux sobresaíndo pedras micaceas.

Neste ponto muitos fosseis foram buscados, em numero predominando um pequeno bivalvo.

Nas parêdes lateraes que fecham o extenso alveo, dentro no qual, rolando, dece sobranceiramente o rio, outras formações repontam disíntas. De mistura com pedras forradas de arjila e oxido de ferro, aparecem, dispersas, varias rochas. Entre elas rele-va notar uma formação arjiloporoza, composta de pedras de areia de côr vermelha.

E' de aspêto terciario e se encontram, nos intersticios de suas junturas, quartzo, seixos de agata e neles, embutidas, conchas fosseis em fragmentos.

E' um simile da rocha da Pitanga na Bahia Railroad.

Surjem ainda, irregularmente,, tambem em fragmentos, amostras de uma rocha de estrutura oolitica. Com minimas variantes, por breves intervalos, continúam essas terras, que se vão elevar no dorso de alguns morros, alem. Entre eles avultam, em desta-

(1) obr. cit

(2) Ch. Fred. Hartt - Geology and Physical Geography of Brazil.

que, o Morro do Chaves e o Morro do Euzebio. Hartt profundou-lhe, a golpes de anarise, os corpos alta-neiros. E leu-lhes, através do dedalo das camadas, as componentes varias.

Assim, de envolta com pedras de areia, entremeadas de conchas, divizou a camada mais profunda de pedras calcareas, contendo grãos e seixos de uma rocha metamorfica, lembrando um calcareo conglomerado, de onde em onde rompente em veios cristalinos. Em meio a estes estratos,—atravessados daquela formação que tem vulgarmente o nome de *pedras de fogo*,—encontrou o geologo ossos de *teleosteanos*.

Refere-o tambem Em. Liais :

« ... il j'auSSI trouvé des poissons téléostéens » (1).

Igualmente lhe prendeu a atenção o desenho do dente de um *Notidamos*.

Subindo o rio, no trato do territorio que se confina entre Propriá e Villa-Nova, de permeio aos môrros, de aspêto penhascozo, acima referidos, o terreno vai tomando, pouco a pouco, feições outras, consoante o rejime carateristico das chapadas, que se dezatam daí por deante, mergulhadas nos tufos escassos da vejetação sertaneja.

Propriá tem os muramentos erguidos no solo endureado de uma formação mais solida. Na baze da cidade acamam-se gneiss e mica ardôzia. Para cima ainda mais acentuadamente se arrevezam os terrenos. Vincados de fundas rugas, culminantes em penhascos, eles sobrancêam alem, na eminencia da Serra da Tabanga. E descambando do outro lado, prestes continuam o rejime arbustivo dos sertões monotonos, rendilhados das macambiras rezistentes, a êsmo dispersas entre os braços espinhozos do agro chiquechique.

Sobre os alvos lençôes do areal movediço, chofrado das brizas oceanicas, farfalhantes entre as pal-

(1) Climats, Geologie, Faune et Geographie Botanique du Brésil.

mas vêrdes de coqueiras desmedidos, Aracajú re-clina-se á margem direita do rio Sergipe, que alcança, presto, a glauca vastidão do Atlantico.

O solo é predominantemente aluvial e se desdobra em vastas planícies de mato ralo e arbustivo.

Sopradadas pelos ventos, turbilhonantes no espaço, vôam, afastando-se das praias, densas colunas de areia, que dezenham, acamadas, as «lombadas move-dças» das dunas. (1)

E formando uma vasta corcova arenoza, assim se ergue, a cavaleiro da cidade, o volúvel morro do Pyrrho.

Discordante se eleva o morro de Santo Antonio de estratos referidos ao terciario. É um outeiro onde se soldam pedras de areia, de um vermelho disfarçado e escuro, e cuja constituição faz lembrar outros terrenos pares do interior do Estado.

Um outro ponto estudado, embora perfunto-riamente, foi a Serra de Itabaina a 20 ou 30 milhas da costa. (2) Ali se não deparou, porem, com a existência de fosseis, indice seguro na determinação das camadas circumstantes.

Na seção exposta num dos flancos da montanha pelo trabalho erosivo das aguas do rio Sergipe, apenas se podem lobrigar dados incompletos. Isto não obsteu, todavia, que se lhe conhecesse o feitio e se lhe assignalasse os terrenos. Branner o fez por um corte majstral. Reedito-lhe, sumarindo-os, os conceitos emitidos.

Repontam, da primeira vista, na baze da seção, «as rochas crystallinas do archeano». (3) Formam-nas formozos gneiss verdes em contacto com ametistas e mica de amarelado tom.

Sucedem-se, de aspétos varios, outras camadas. Conglomerados diversos rompem de suas entranhas. De entre lastros de areia grossa abrolham seixos

(1) John C. Branner—Geologia Elementar.

(2) Autor cit. A Geologia Cretacia e Terciaria da bacia do Brasil.

(3) Autor e obr. cit.

multiformes, afetando cores diferentes:—« desde o branco do quartzo côr de leite até o verde dos gneiss subjacentes » (1)

Seguem-se grezes e rochas micaceas, intermitidos de conglomerados rezistentes, superpondo-se-lhes, ao cabo, enrijada ardozia e densa grez, cinto de mica.

X

Não avançaram mais, nessa região, as explorações.

Volveram, então, á costa, ao longo da qual, em sitios diversos, foram encontrados fósseis preciosos.

Hartt, Branner, Em. Liais, Orville e Derby, Wite e Felisbello Freire (2) consagram estudos a colheita fossil dessa zona. Sintetizo-lhes, a traços, as sabias exposições, furtando-me a amudadas transcrições, incabiveis na compleição frajl deste simples escôrço.

A poucas milhas da costa, levantada quasi ás bordas de um estuario ocilante ao fluxo e refluxo das marés, está a cidade de Maroim.

Nela e em seus arredores colheu a ciencia indicações precisas para uma classificação rigorosa dos estratos acamados por ali alem . . .

(1) Autor e obr. cit.

(2) Ch. Fred Hartt—Geology and Physical Geography of Brasil.

Jonh C. Branner—Geologia Elementar—A Geologia Cretacea e Terciaria da Bacia do Brasil.

Emmanuel—Liais Climats, Géologie, Faune et Géographie botanique du Bresil.

Orville A. Derby—Contribuição para o estudo da geologia do valle do rio São Francisco, Archivos do Museu Nacional.

Charles A. White.

Felisbello Freire—Historia de Sergipe.

Aflorando numa saliência rochoza, bordejando o rio, destaca-se Sapucary. Argamassa-a um calcareo mole e schistozo, guardando varios especimes fosseis. Exemplares de *Posidonomya*, escamas de peixes e *Ammonites* dali se extrairam. Porto dos Barcos e Trapiche das Pedras Velho são logares fossiliferos que aparecem acima, rio subindo. . . E'-lhes pedestal um calcareo terroso impuro, que se torna azulado e claro adeante, no Trapiche das Pedras Novo, em cujo solo se engastam, em abundancia, conchas de *Anomia*.

Postos a nú pela ação diuturna e secular dos agentes atmosfericos, notam-se, a flux, bordando as rugas de um calcareo oolitico esbranquiçado, que se distende a pequeno trecho da cidade, belos fosseis no logar denominado Lastro. Orijina esta denominação o fato de ser a pedra aproveitada em calçamento.

Varias pedreiras ofereçam, na circumvizinhança, campos de observação. Releva, de começo, assinalar a de João Pereira, de onde, com facilidade, extraem-se especimes de *cephalopodos*, acamados entre as paredes de um calcareo oolitico, crême-amarelado. Outro afloramento calcareo está em Ganhamoroba, ao ocidente da cidade.

Ali, porem, o aspéto da rocha se torna atrigueirado e os fosseis, colados rijamente aos estratos, apresentam-se imperfeitos, quebradas as conchas. Pontos outro ainda importantes reclamam especial menção. Assim, Aroeira, perto de Maroim, sobre um calcareo silicezo, pardacento e duro, fornecendo *crustaceos decapodos*.

Perlongando a estrada, que vai de Maroim a Laraujeiras, aparece Coqueiro, situado numa ramificação do estuario, e onde demora, terroso e mole, um grez amarelado, em muito assinalado pelas impressões de *Trigonia* e conchas outras.

Nas circumjancencias dessa ultima cidade cresce de valor, pelo aspéto jurassico de seus fosseis, a localidade de Bom-Jesus. Ali, consoante a decomposição da rocha, já muito dezintegrada, dezencravados soltos, á grande se alastram *Ammonites* e *Echinoidos*,

Entre as abas de morros descalvados, em cujos tôpos esfericos se erguem sinjelos e alvos templos christãos, como atalaias brancas da fé, Laranjeiras debruça-se ás bordas do Cotinguiba, de aguas mansamente subindo e decendo ao intermitir invariavel das marés. Até ali se prolonga o horizonte cretaceo da bacia, que venho de estudar. Perto, meia milha ao poente, dezaia a curiozidade uma concreção calcarea, de aspéto singular. Dão-lhe o nome de Pedra Furada: — *pierced rock* — escreveram, traduzindo.

A gruta, perfurada em cima a abobada, fende-se numa abertura, que lembra, consoante o dizer geral, o dezenho de um sino.

E dentro, no antro cavernozo, trabalhadas pacientemente pelos seculos, ao rezumbar miúdo de gôtas incessantes, cruzam-se, pendentes e erguidas, estalactites e estalagmites.

Deixo sem relêvo outras rochas menos importantes.

Ao sudeste do Estado, na rejião serpeada pelos ultimos caracões do Piahy, destacam-se localidades, que reclamam noticia á parte.

Assim, reclinada á ourela do Piahytinga, de aguas levemente borbulhantes, espumando de encontro a fraguêdos de polidas arestas pelo desgastamento continuo da erozão, está, sobre o sólo crespo de rocha micacea, a cidade da Estancia.

Avermelhadas pedras de areia formam este estrado rochozo, encoberto sob as dobras resequidas de um manto arjilozo e vermêlho, endureado e infertil.

Perfeitamente caracterizada é a semelhança desses terrenos com os grezes vermelhos de New Jersey nos Estados-Unidos. Identicas formações encontram-se, marjinando o S. Francisco, na cidade de Penedo.

Não se colheram fosseis nessas terras; ao menos lhes não foram encaçados vestigios.

No trato demarcado entre a cidade e o porto, de escolhos ponteando o leito petreo do rio, afloram de formas e tamanhos deziguaes, rochas estruturadas de grez escuro, resvalando para conglomerados em

que se caldêam seixos de gneiss, concreções de argila ferrujinoza.

Apresentando fosseis, demoram nessa zona, não longe da Estancia, sobre areas enormes de grez vermelho, Santa Luzia e S. Gonçalo. Os fosseis são encontrados, porem, em brandas camadas de calcareos schistozos e claros.

Ao sul do Estado, grupadas em longas almofadas ondeantes, guarnecendo a embocadura do rio Real, alçam-se, a geito de alvos paredões protetôres, as dunas de areia.

E transposto, de salto, o indecizo talvêgue do rio confinante, desdobra-se, em tratos indemarcados, o Estado da Bahia.

XI

As concluzões scientificas elaboradas pelos escriptores, que leram na contextura da terra a idade dos estratos, estribam-se nos documentos petrificados dos fosseis, distribuidos e classificados ao impulso do camaterlo da analize.

Rochas de idade jurassica, consoante a lição de Branner, são positivamente conhecidas no Brazil. (1)

Na bacia de Sergipe, entretanto, alguns fosseis foram encontrados com esse aspêto.

Especimes de *Ammonites* em Bom Jesus e em Maroim, um outro — *Ancella brazilensis*, referido por White, *Cerulites* e *Cidaris* então neste caso. (2)

E' bem possivel, diz aquelle escriptor, « que estudos mais detalhados da Geologia do Estado de Sergipe, revelarão a presença de rochas jurassicas nesta parte do Brazil ». (3)

Verdade é, porém, que até hoje não existem dados irrefragaveis e vivos que lhes assinalem a incluzão através dos horizontes geologicos da terra brasileira.

(1) Geologia Elementar.

(2) Hartt—obr. cit.

(3) Branner obr. cit.

Destarte, os fosseis indicados são referidos á idade cretacea, visto como são dessa natureza as rochas que encaixam e petrificam, mercê da preponderancia evidente de typos cretaceos perfeitamente caracterizados.

Tambem White os não julga jurassicos, não obstante os expressivos traços de parecença, por isso que se os não pode identificar a nenhuma especie jurassica conhecida. Exprime-o nestes termos: «*although some of the species have a jurassic aspect, none of them are identifiabile with any known jurassic species*». (1)

De igual parecer são Hartt e Alpheus Heyatt.

Decorrente do pensar deste ultimo parece são a *Natica* de Maroim e a *Natica praelonga* de Loymerie, que pertence á camada neocomiana inferior.

Emm. Liais cuida de capital interesse esta identificação, e em linguagem precisa se exprime respeito ao *habitat* dessa ultima especie, que «*a été trouvée en Europe, à Thieffrain et Vandoeuvre, et dans la Colombie sur le rio Subv, un des effluents du Rio Guáñez par M. Boussingault, et elle est également alliee à la Natica Piedernalis de Ramer, récolté au Texas*». (2).

Dois especimes de *Ceralites* foram pelo illustre geologo identificados entre os *Ammonítides*, um em todo semelhante a *Ceralites* ou *Ammonite Piedernalis* de Du Buch, encontrada no Texas; o outro, considerado especie nova, tipo extranho, foi classificado sob o nome de *Ceralites Hartii*. Como caso ainda mais expressivo cumpre firmar que tambem sortiu, distinto entre os *Ammonites* estudados, um simile de *Ammonites Peruvianus*, dos Andes.

A conclusão necessaria e lojica a que, em identicas condições, chegaram os tratadistas dessa materia, foi a de paridade entre muitos fosseis do Brazil e outros de diversas localidades do estrangeiro.

Identidade perfeita, ao menos intima relação, constatou-se entre *ammonites* do Brazil e especies semelhantes dos leitos cretaceos do Texas.

(1) Obr. cit.

(2) Obr. cit.

Versam sobre o assunto varias monografias de escritôres notaveis, entre eles Rœmer.

Fôra faltar á concizão deste trabalho — rapido andejo em terreno extranho — o alongar-me em citações extensas, conyinhaveis, no entanto, ao perfeito conhecimento do tẽma.

O leitor, para haurir fartamente os conhecimentos que ilustram e explicam estas notas apressadas, procure como eu, abeirar-se das fontes, onde mergulhei a pena e embebi a paciencia, ao momento em que deliberei a confecção deste escrito.

As bellissimas hipotezes sugeridas, os formozos conceitos emitidos, formam, talvez, pela grandeza das concepções avantajadas, o capitulo mais importante e sugestivo desse magno tẽma.

Desde Alpheus Hyatt, que pela confronto das especies semelhantes, buscadas em sitios diversos, aventa a idéa grandioza « *des mers continues* », afogando na imensidade de suas aguas rejiões distentidas em varias latitudes, parajens dispersas em pontos diferentes do glôbo, até Liais, que alarga, com sorprendelôras vistas de sabio, essas soberbas hipotezes, definindo a existencia de um vasto oceano cretaceo, assoberbando pelo tẽpo das zonas mais elevadas das duas Americas, vai uma cadeia enorme de considerações scientificas, qual a qual mais bella e verosimel.

Era ao tempo em que se uniam, num abraço amplo e ruidozo, o Pacifico e o Atlantico, sob a cupula infinita do céu imenso.

Das pesquisas feitas por White, Branner, avulta tambem que em Pará foi encontrada especie fossil ideutica á de S. Gonçalo, no sul deste Estado, bem como consoante se exprime Liais « *Incontestablement, en comparant toutes les données rapportées précédemment on ne peut douter de l'identité, de la formation marine secondaire à Bahia, Sergipe et Pernambuco.* »

Em rezumo : que sobre todos esses tratos do territorio brasileiro, hoje expostos á luz forte dos dias

tropicaes, planava, vastissimo, um só e desmedido oceano . . . (1)

XII

Concluidas estas notas preambulares, urge abordar o estudo geológico da area municipal de Simão-Dias, já conhecida sob outros aspétos.

De antemão deve ficar assente o desconhecimento de fosseis nessa região. Não é que se não possam considerar fossilíferas as suas terras; mas devido á auzencia de explorações paleontológicas aí praticadas. Em artigo destacado ferirei o problema.

Em. Liais, de posse de dados colhidos através de monografias e trabalhos científicos dessa natureza, e mesmo com argumentos accumulados ao exame diréto, pelo trabalho de observação, notou paridade na idade dos sedimentos da costa e do interior. Refere-o assim:—*«Ajoutons que sur la partie nord de la côte orientale du Brésil, de Bahia a Pernambuco, une puissante formation de grès constitue, au-dessus du terrain secondaire par la dénudation, exactement comme sur le plateau central l'Empire. (2)»*

Bem se vê que Sergipe está vizado nesta referencia, pois que se encantôa entre os limites indicados pelo emerito tratadista.

Esclarecido este ponto, encabêço a descrição geológica do referido trao occidental, debuxado já no relêvo das serranias e na depressão dos vales, nos sulcos violentos dos rios e nas quebradas abruptas das encostas desnudas.

Correspondente á flora variada que acoberta os plainos rugados, ou resguarda, sob o verde capacho da grama ou o mato rico da floresta, as serras, é a natureza dos terranos aí acamados.

Arborecente ou arbustiva, altaneira ou emperada, a vejetação retrata as camadas, que se contras-

(1) Obr. cit.
—Euclides da Cunha—Sertões.
(2) Obr. cit.

tam entre a munificencia do massapê feraz e a pobreza esterilizadora dos taboleiros, a pouca altura ondulantes no colo infertil dos terrenos terciarios.

A dinamida erodente das aguas, em enxurros escorridos pelo chão resequido e gretado, favorece cortes geologicos abundantes, ao vizez dos quaes se apresentam, arrevezados, os estratos em varios grãos de decomposição.

No alveo dos rios, de margens em ruinas, desmoronadas pelo solapamento das torrentes turbilhonantes e funestas, afloram saliencias gneissicas, de caprichozas formas curvas — boulders — entre o dezagregado de abundante cascalho.

A ação da agua meteorica patentêa-se em grande escala. Demonstra-o a oxydação das rochas, em muitos sitios, e noutros pontos a franca corrosão, fendendo o solo calcareo, exsicado pelas ares caniculares de um sol tropical.

Precizarei os pontos mais facilmente abordaveis a começar do norte.

Pregueado, de onde em onde, de rijos alinhamentos petreos, esgarçando a espêssa couraça de grez, apresenta-se, cavo e irregular, o leito torturado do Vaza Barris, indomavel Irapirangas elvagem, que ora deca entre bordas clivozas, cimentadas de arjila, e ora rodopia, revolta, roendo o chão, abrindo fossos, dezagregando seixos . . .

Vezez, no descampado amplo das catingas, é-lhe desafogada a passagem, rolando, rapido, no colo movediço de areias e saibros, que se transportam, navegando, leves, na corrente poderosa, e entupindo e modificando os barrancos que se abrem, hiantes, ás margens esborcinadas.

O grez que se acha fundamente retalhado pela drenajem violenta do rio, é de consistencia dura e avermelhado tom, afetando, em varios trechos, um conglomerado resistente.

Acidentada, de constantes ondulações, como vagas enfurecidas de ajitado mar, é em cêrredor a topografia. Arquêa-se em cômoros arredondados e deprime-se em funduras a pique. Veste-se da flora meã

e pardacenta caatiga, ou se cobre da vejetação enfracuecida e imprestavel da capuêra.

De um lado, sem dissemelhanças sensiveis, avançam esses terrenos até as espaldas da Serra de Itabaina, que desmaia, lonje, na cinta infinia do horizonte. Atentando para a esquerda, a nordeste, reponta o massiço bruto da Serra do Capitão, pezadamente erguida á extensa porta do sertão esteril. E' o portico selvajem dos vastos latifundios, que se abrem, indivizos, sem fronteiras, nessas parajens tristonhas, e onde moureja, ao sabor das estações anômalas e da rotina, a industria pastoril, que abastece de gados os mercados do Estado.

O solo é arido e descoberto; tristonho e monotonico é o aspêto em torno.

Fendendo o lastro delgado do chão aspero, de quando em vez se descobrem, ao longo de trilhas e verêdas errantes, ou á ourela de estradas dezertas, rijos paredões de rochas gneissicas em nivel baixo. Tambem é aí o pavorozo humbral do amplo cenario tetrico das sêcas . .

XIII

Transposto, nesses sitios ermos, o riacho da Passagem, de subito mudam os terrenos.

Camadas de grez se estendem, vastas, em ondulações desmedidas. E alcançam, prestes, a vila do Cuité, erijida em pleno coração das *Mattas de Simão Dias*. Menos crespo, mais arjilozo e plastico é, porém, o grez nessa região. Afloram, apertados nas dobras da arjila envolvente, calcareos pardacentos, e não raro assumindo o aspêto de bellas placas azues, de enrijada formação, lastrando os caminhos ou cha-peando declives.

E ricos pomares crescem, frutiferos, fronteirados pela quazi frutice vejetação das capuêras, velhas terras abandonadas ás ortigas e ao calumbi, e onde outr'ora, verdejante e fresca, pompeava a vestimenta opulentada da floresta umbroza.

Mergulhando, adiante, em decida breve, de novo emergem essas camadas argilo-calcareas, encurvadas agora nos tôpos esverdeados dos cerros, colgados da formosa copa das matas frondejantes, alimentadas da vital seiva do humus fertilizante. E são os mais férteis terrenos do município; por um lado, do Baixão até à Rapoza e cercanias; por outro lado, da Lagôa Salgada além, buscando a bacia do Vaza Barris.

Na suave rampa da Serra do Sítio, que tem a lombada extensa dividida pelas aleas regulares de fruteiral valioso, está, em vertical erguida, enorme muralha de calcareo pardo-acinzentado, como ruinosos muramentos de avelhantado castelo, estragado pelo tempo. Em noticia especial tratarei das cavernas que, como esta, se abrem no município.

Mato-Verde, Apertado de Pedras, Ladeira Grande, são denominações de varios sitios apraziveis, de fecundos terrenos. Nos aros desse ultimo lugar releva assinalar a existencia de uma outra caverna. Esta desaparece, porém, abaixo do nivel geral do solo em derredor. É uma dilatada fenda no calcareo esbranquiçado, que se acama subjacentemente. Noutras paragens, com dissonancias minimas, se observam os mesmos terrenos. A caminho de S. Paulo, em vales alongados, que se estiram entre as fraldas dos morros, de quando em quando, é dado vêr-se afloramentos petreos, retalhando as camadas mais moles, que se dezagregaram.

Riachão, nome de uma fazenda de gado, e onde, insulado, se levanta o tosco aboletamento do vaqueiro rude, é um exemplo vivo nessas bandas. Em extensão dilatada, á mostra se vê, calcando o leito degradado de um riacho, sujeito a inundações temerозas, grossas barras de azulado gneiss, formando, ao que parece, espaçozo estrada, horizontalmente. Quinzimbe, a alguns quilometros ao lado, é um prolongamento dessas camadas, que pouco e pouco se vão esterilizando, escondidas na estorricada vegetação do capuêral imenso, tristemente alastrado perder de vista, e donde emerge, em baixo, bran-

queando na monotonia ambiente, a alva cazaria sinjela da villa de Pedras-Molles.

Fôra ai, até bem pouco tempo, o reduto principal da cultura preciosa do algodão. Intelizmente cauzas lastimaveis e decorrentes do proprio homem transformaram essa vasta zona de produção agricola em grandes soltas de criação, com sensivel prejuizo dos pequenos lavradores, e quiçá da agricultura em geral.

Em area mais ou menos complanada está, em elevada situação, o povoado das Caraïbas, de ferazes terras arroteadas por verjeis abundantes, e ao longo dos quaes se enfileiram os pequenos caules re-torcidos e angulozos do mandiocal, cultivado em renques uniformes, abertos em corredôres vastos.

O solo estrutura-se de uma arjila oleoza, es-corregadia, intimamente ligada ao calcareo disper-so á flôr do chão.

Daí, atentando-se para Simão-Dias, fere a observação, na ladeira da Serra da Taboca, a existen-cia de um calcareo escuro, dando com a arjila ma-leavel amalgama, sob a qual, descobrindo-se, às ve-zes, em pontas alcantiladas, aparecem rochas grani-ticas alçadas em vertical.

A' medida que, neste trecho, vai descambando a serra, feições outras vão tomando os terrenos. E em baixo, na varzea deprimida e estreita que aí con-tinúa numa reintrancia de angulo, a esplanada que demora a sul da cidade, o chão é areento e pedregozo.

Simão-Dias reponta, então, inferiormente, vista do suave declive do Areal—acanhado arrabalde de cazas dispersas e acachapadas, às vezes quilombos pardacenos, dando uma nota de tristeza vaga, num quadro sombrio e evocador.

E' uma paizajem que fala á alma; estende-se vincada das estrias brancas da alva areia dos cami-nhos, marjínados de verdes piteiras, de hastes em cone erguidas para o azul, e encaixilhada, no ex-tremo, pela moldura escura da serrania..

Arenitos vermelhos empilham-se, a êsmo, por trechos varios.

De estrutura granítica, dentados e rispídos, alçam-se lajêdos escuros, como negras chapas de aço, apertando em dobras o solo rugado. Abrem-se-lhes, nas anfractuosidades atenuadas pelos efeitos meteoricos, pias de todos os tamanhos e com todas as formas, delatando o perene trabalho de imperceptível corrosão, de efeitos poderosamente sensíveis no transcorrer sem fim dos seculos incontaveis.

Entre rampas graníticas, comprido e concavo, como um vasto côcho petreo, está o açude, onde o trabalho do homem, completando a disposição natural e favoravel do local, construiu grossa barrajem de pedra e cal—larga amurada de encontro á qual se vão quebrar, raivozas e ameaçandôras, as aguas torrencias, prodigamente deslhadas das nuvens na epoca classica das trovoadas estivaes.

XIV

Em nêsgas, á roda das lajes batidas da canícula, dispõem-se emaranhadas touceiras de gravatás, quando, de nordeste para o sul, se desdobra a zona das taboleiros. Dece, então, o Caiçá. O alveo é calçado de arenitos arroxeados, muitas vezes encober-tos de uma capa tenue de areias alvas.

Despregados, ou encravados, de quando em quando, em veios cintilantes, divizam-se quartzos, lavados diuturnamente pelas aguas mansas do rio calmo.

Nas marjens, em truncados paredões, alastram-se, em mistura, arjila a areia.

Esta composição não se observa, porem, ao longo de todo o curso do rio. Toma consistencia múltipla, variando com as rejiões e consoante o grau de decomposição.

Vezes é num apertado de granito, cindido em varias pontas por veios de feldspath, não raro em adiantada faz de dezagregação. Momentos outros a rocha se apresenta listrada de frizas ferrujinozas, delatando a mica, que se decompõe.

A parte sul do territorio apresenta geologicamente os mesmos aspéto até aqui assinalados.

São extensas moles de terras arjilozas, riçadas de saliencias graniticas, formando as serras e sustentando as matas, ou o campo aberto dos taboleiros areentos, de subsolo gneissico.

De noroeste para sul os terrenos são o prolongamento das camadas ferazes, que decem das matas do Baixão e Mercador, e se estendem pela Rapôza dentro, compreendendo Bom Successo e arredores. Nesse local, apenas mais frequentes e de mais espessura são os calcareos, abertos em fendas a pique e oferecendo um facies geologico duramente torturado pela ação dos agentes naturaes.

São caminhos dificeis e cavados de fundas regueiras e brocas em dispersão, com deslocamentos frequentes. Uma furna importante assinala nessas terras o réjime caótico das quebradas.

A poucos passos de Simão-Dias, na larga estrada que demanda a Cuité e que como um grande rio esgalhando-se e ramificando-se pelos sertões bravios, intercambio perene de importantes interesses commerciaes, reponta extensa faixa de terra, que está a reclamar especial noticia. É o faço, dando-a como typo de identicas formações em muitos outros sitios do municipio.

É na anca de uma ladeira comprida, ao pé quazi da Lagôa da Ilha. O solo é uma camada de arjila vêrmelha, carregada grandemente de oxydo de ferro.

As rochas tomam esta côr e a vejetação, em torno, se impregna toda da poeira rôcha, levantada em columnas volantes pelos ventos tanjidos de leste.

É ao sol, rebrilhantes, como abrazadas faúlhas, cintilam luzentes particulas de mica, lastrando a estrada ou acendendo pontos luminosos nas fôlhas verde escuras da flora ambiente.

Esse espelhar bellissimo de pequeninas laminas rutilantes deu ao povo a crença bairristica de serem fragmentos de ouro aquellas lantejoulas deslumbrantes.

Dil-o o final de uma quadra simploriamente recitada pelas gentes:

.....
E Simão-Dias ouro em pó!

No complanado taboleiro, ao sul, com um facies expressivo e singular, destaca-se a passos da sinjela ermida do Bom-Fim, o riacho d'Agua Branca. Delata o seu leito fendido e lascado um rejime selvagem de lutas incessantes, em que se cazam, em febre de destruição, as forças bravias da torrente, drainando e derruindo, e os efeitos corroziyos da agua meteorica, em desbaste continuo.

Para isto modela o campo, favoravelmente, a canicula abrazadora do verão.

O sólo, rudemente escalavrado, é desde alguns metros de fundo, formado de calcareos, horizontalmente acamados.

Mais á superficie, porem, distinguindo-se perfeitamente as marjens gretadas, superpõem-se camadas de grez avermelhado, com carga ferrujinoza, e em cima, sustentando o gramado raquitico do agreste, grandes lenções de areias, variantes na côr.

Não raro se encontra, geralmente nos trechos mais fundamente retalhados do riacho, o silex pyromacho, a pederneira vulgar.

Como esse ribeiro, favorecendo cortes geologicos importantes, outros ha nessa zona.

Mercê da preponderancia arenoza na constituição das rochas subjacentes, o solo dessa rejião é pobre, e a flora principalmente compestre.

Mergulhando, porem, adeante, em matas — hoje assombrozamente devastadas — pouco e pouco os terrenos se tornam mais para arjilozos na altura da Furna, contrastando a naturezã das rochas com o conglomerado rezistente, que serve de calço ao Tanque-Novo, logradouro publico.

Em condições identicas a de outros tratos descritos, formando lajêdos acachapados com brocas curiozas, onde se juntam, empoçadas, as aguas caídas das chuvas, rompem das entranhas da terra afloramentos graniticos. E de permeio é que se abre, hian-te e escura, vertical e profunda, a garganta pavoroza da Furna como se fôra a bôca misterioza de

uma cratera extinta, escancarada na rijidez inamolgável do granito.

XV

Pouco resta que mereça ainda apreciação sob este ponto de vista. Gizadas estão todas as faces geológicas da area municipal. Concluindo, porem, direi algo do Jacaré, debuxado já a outro respeito, e farei breves referencias á Serra dos Palmares, paginas volvidas dezenhada na riqueza de sua exuberancia florestal.

O Jacaré é o exemplo vivo, convincente, palpavel, da denudação em grande escala.

Aí se patenteiam, grandemente, os estragos decorrentes do desgastamento progressivo, operado pelas aguas em marcha, turbilhonando...

E' um processo hidraulico selvajem e temerozo. As terras tombadas ás marjens pelos solapamentos, os caldeirões cavados pelos remoinhos, boulders, seixos, areias—uma confusão e um arruinamento crecentes—delatam aí a mecanica invencivel e poderosa da torrente.

Geologicamente as ribanceiras surpreendem arjilozas. A' medida, porem, que se sucedem nas estações de tormenta, as enchentes volumozas e subitanias, novas feições vão adquirindo, sucessivamente, as marjens desmoronadas. A arjila dezagrega-se e se transporta, e as camadas petreas subjacentes repontam, então, de sob o leito encaixante. Estas, por sua vez, tambem cedem á carream e pouco e pouco mudam de posição e local, consoante o seu pêzo e a impetuosidade da carga liquida.

E em todo o alveo rochozo se observa, no torneamento das formas, no arredondado das linhas e no polimento das arestas, o desgastamento mecanico das rochas, fricionadas pelo perpassar continuo das aguas, ou trabalhadas pelo lixamento dos materiaes transportados no bojo avolumado e serpeante da enchente.

A essas camadas petreas, que forram o leito rispido do Jacaré, liga-se o gneiss espalhado no vale do Sacco da Cova, e alçado, adeante, no torso atletico da Serra dos Palmares. E' o que aparentemente se pode vêr na sequencia de identicas formações ao longo da estrada, retalhada, a principio, pelas trilhas dos lentos e rotineiros carros de bois, produzindo rodeiras fundas, empós derruidas pelas aguas, que escorrem, abrindo encovadas regueiras, á mostra pondo, em baixo, o subsolo rijo.

Espêssa capa terrosa—arjila escura entrecortada de veios calcareos—forma, abaixo do humus fertilizante, a primeira camada superior da Serra dos Palmares.

De entre ella, porem, irrompe um acêrvo de pedras, ora lascas humidas em franca decomposição, esfarelando-se, ora pezados blocos, de periferia modelada nos mais bizarros dezenhos—esculturas selvagens no granito rijo.

E, enlaçando-os, a urdidura das raizes, mergulhando, fundo, entre as grêtas das lajes fendidas, e sugando, pela capilaridade de suas esponjiolas, a seiva nutritiva, que alimenta e enverdece, em cima, a galhada gigantesca da floresta grandioza.

Descalvagando a Serra, os terrenos se abaxam até a bacia do Piauhy, que consolida, geologicamente, nesse trecho, estrutura semelhante á do Jacaré.

E ampla, dezabrigada, perdendo-se em lonjes vazios, dezata-se a esplanada raza do Samba, onde se cruzam, aos milhares de milhões, revolvendo a terra, os tuneis pequeninos das minhocas obreiras,—humildes agentes no trabalho secular e diuturno da conformação superficial dos solos.

Emperrada, sobre o gramado pardo do steppe tristonho, difficilmente se esgalha, numa angustia de braços raquíticos, a vejetação carateristica dos campos aridos,—*oreades hamadryades* segundo Martius.

Ilha-se em touceiras dispersas entre as cêrcas trançadas de grayatás rasteiros e as hastes espinho-

zas de gigantescas cactaceas, na região aberta da campina.

E dão, essas manchas verdes no fundo pardo-cento do quadro vazio,—a imagem poetica ozaides apraziveis em deserto apequenado...

XVI

Agora algumas palavras sobre as cavernas.

Não avança em raios distantes a descrição que se segue; abraça, apenas, num perimetro estreito, alguns trêchos do municipio.

Fatôres diversos atúam, em conjunto, na formação das cavernas. Ajem combinados, operam concomitantemente.

Dificil será assinalar a predominancia de qual-quer deles, tal a variedade de efeitos e cauzas, que se confundem num mesmo resultado.

E. A. Martel, porem, discorrendo proficiente-mente sobre este têmea, diz que a duas se devem reduzir as cauzas principaes na formação das cavernas:—a preexistencia de fendas na rocha e o trabalho das aguas de infiltração, que se exerce pelo efeito triplice, da erozão (mecanica), da corrozão (quimico), de da pressão hidrostática. (1)

Isto posto, passo a estudar o fenomeno *in situ*, a começar pela Furna do Baixão, que poderá servir de tipo às da Ladeira Grande e Bom Successo.

E' no tópo de uma ladeira, que se empina, ingreme, para galgar, no alto, uma pequena area plana.

Rompendo o encaixe arjilozo, erguem-se, a prumo, aciuzentadas muralhas de calcareo, dando, ao lonje, a impressão de serem os flancos rezistentes de avelhantada fortaleza, assentada, a cavaleiro, para os vastos canaviais, que ondulam, em baixo, como um pequeno mar de fôlhas e talos esverdeados e roçagantes, e por entre os quaes, mingudadamente, corre, limpido e fresco, o fio liquido de um regato, es-

(1) E. A. Mariel. La Spéléogie.

vurmado, gôta a gôta, de chão humido e liguento, de côr negra.

Fundas taliscas escalayram externamente o calca-reo, dilatando os efeitos seculares de varios ajentes de transformação.

Um buraco quasi oval dá, lado leste, acesso á furna; e é como um largo bueiro por onde respira o antro escuro.

Formando uma antesala, de parêdes carcomidas e tecto pregueado de grotescas esculturas, está o primeiro compartimento da caverna.

E abre-se, em seguida, em corredores, ora estreitos e baixos, como absconsos tuneis, outras vezes amplos como salões, mais sempre asimetricos. E' um dedalo de camarins e apertados, e até onde chega, mal coada por entre diminutas frestas da abobada, uma luzinha parda e equívoca. Dentro esvoaçam, aninhados nas anfractuozidades sombrias da grotta, morcêgos e môchos, sentinelas lugubres afeitadas á vida noturna da treva.

Não obstante a supozição geralmente alimentada, de que se nutre dessa furna o córrego referido, que irrompe em nivel inferior, precisamente na baze da ladeira, não me abalanço a subscrever tal conjectura.

Dados não colhi capazes de reforçar uma conclusão desta ordem.

Ao contrario, tudo me inclina a crêr tratar-se de uma caverna morta, onde já se não observam os fenomenos decorrentes da infiltração, accumulando internamente rezervatorios liquidos. Talvez exame demorado revelasse o que me não foi dado observar, em breve inspecção. O fato, porem, insofismavel e facilmente observavel, é a falta de aguas, mesmo nas parêdes, que são resequidas, inteiramente faltas de humidade.

Não seria exequível, pois, não daria rezultado, o reconhecimento pela florescencia, que coroou de exito as experiencias de Martel, por isso que se não encontram poços, ou pelo menos, veios liquidos dos que sirvam de viculo ao colorante.

Em tempos remotos, e isto resalta ao primeiro olhar, ai se conjugaram a mecânica erosiva e o processo químico da corrosão, deixando traços significativos e inelutáveis. Estalagmites truncadas, reunidas em trempe, jazem por todos os lados, atestando ruínas. Solta, facilmente removível, acama-se de bil camada de argila, entupindo caldeirões.

Paleontologicamente nada se conhece originário daí, cumprindo assinalar, por entretanto, nunca se haver tentado diligência neste sentido.

Outra caverna é a da Ladeira Grande. Esta é, porém, de feição diverso.

Abre-se num extenso plano argiloso, revolvido em leiras alinhadas de viçozo mandiocal. Dispõem-se, por baixo, as camadas de calcareo gretado e transudante. A rocha é esbranquiçada e friável, esfarelando-se sem grande resistência.

As paredes húmidas rezumbram a água embebida. A boca que lhe dá acesso é larga e vertical, mas de pouca profundidade. Dentro é o regime curioso do calcareo, modelado de mil formas pelas águas infiltradas. Uma rede intrincada de tûneis, cruzando-se numa dispersão de compartimentos de todos os tamanhos.

Um grito vibrado num angulo de corredor rebôa longamente pelas ramificações todas. Alguem que lhe tentê desveendar as camaras mais afastadas aventura-se a perder o rumo de saída e ficar entalado nas congostas invias. Ademais, provalvemente, á escassez de ar puro, a respiração, não se realiza bem nesses camarins mais distantes, e de todo não reziste aceza a luz tremulante e vermêlha da vela, querozene ou *róio*, de que se munem os visitantes da caverna.

Interessantes relêvos se esculpem nas abobadas fendidas.

Dependuradas caem, em pontas acuminadas, estalactites varias, rezudando, pingo a pingo, o que lhe sobra da água infiltrada.

Pelo mesmo processo, como estrepes fincados no leito da gruta, sobem, discordantes em forma e

dimensões, as estalagmites. E dão, umas com outras, a imagem singular de uma forte dentadura gigantesca, num rictus pavoroso da bôca escancelada de um monstro subterraneo.

Outras vezes, no vestibulo esconso de um camarim mais vasto, são pilares que se arrevezam, como formando a colonata de uma nave, e sustendo, em cima, o tosco zimbório, humedecido e anfractuoso. Varia a humidade na caverna segundo as estações, sendo sensível tambem aos efeitos das sêcas.

Em epoca de grandes chuvas a infiltração é copioza e acelerada, dando-se farta imbebição da camada argilosa, que se superpõe ao calcareo. Nos periodos causticos das sêcas, porem, quasi nenhuma é a agua contida nas juntas e diaclazes que cortam os estratos

E' crível que ella estivesse outrora submetida a um rejime uniforme, independendo das variações climaticas. Tal fôra, certamente, quando, em lugar da planura dezarborizada de hoje, se estenderam os ricos bosques frondentes que a mão ingrata do lavrador ignorante foi ceifando, a golpes de machado, e incinerando nas labarêdas rubras ateadas ás camas do mato abatido e murcho.

Não se conhece fonte nenhuma alimentada da gruta; e só á natureza dos terrenos, facilmente sujeitos á ação dezagregadôra das aguas, se poderá ligar a sua existencia.

XVII

Semelhantes na textura e na fôrma, outras grutas ha que se modelam pelas antecedentes.

Fôra demaziado prolongar este trabalho o compor-lhes, separadamente, os clichês arrevezados. De vôo, porem, noticio que tem despertado curiosidade a existencia de uma outra furna, rasgada no Povoadão do Bom Successo, em diverso trecho do municipio. Trata-se igualmente de fendas no calcareo. Ela é disposta em galerias, succedendo-se em andares,

que se superpõem. E' escura e não oferece facil entrada.

Sujeita está ao regimen das precedentes. Contam os moradores circumvizinhos que dela se tem extraido salitre.

Comquanto me não pareça inverosimil esta afirmação, não lhe colligi provas.

Em situação sudoeste, a poucos quilometros da cidade, sumida entre torcidos esgalhos de araçazeiros e palmas tremulantes de ouricurizeiros apendoados, num chão chapeado de lajêdos, escancara-se, fauces ameaçadoras e profundas, a Furna de Simão-Dias, assim chamado o lobrego precipicio, que corre como sendo uma das maravilhas da natureza sergipana, encravada nessas parajens distantes.

A fama já lhe deu fóros de cidade e quem quer que vizite a prospera Annapolis sertaneja sente-se moyido pelo desejo de conhecer a sua Furna.

Ademais, tomando corpo nas crenças singulares do povo, a superstição creou lendas, que têm por berço esse antro ignorado.

Vem de lonje, tradicionalmente, a historia de aparições fantasticas no seu seio desconhecido. E é curiozo ouvir-se a um bronco tabaréu retardatario a narração impressionadora dessas historias tenebrosas, ditas em tom de sincera convicção. E ai! de quem lhe duvidar da veracidade!

Incorrerá, por certo, na desconfiança do matuto, cuja credulidade de pasmar não admite, todavia, contrapezo aos seus maiores absurdos.

Afinal, aconteceu á Furna de Simão-Dias o que geralmente é assinalado para todas as cavernas. Transcrevo estas palavras de Martel, que vêm a talho: *«Mais surtout les grottes et cavernes tendent de plus en plus a devenir des objets de terreurs populaires, de superstitions absurdes: presque partout, on retrouve la legendaire croyance au basilic ou dragon monstrueux qui dans le fond des antres obscures, garde d'immenses et insaisissables tresors!*

Dans se mystérieux domaine persistent universellement les préjugés fabuleux. Toujours exagéré's ou fauc

sont les renseignements locaux que l'on peut recueillir sur les cavités du sol non encore explorées scientifiquement». (1)

E na verdade! São ruidos cavos, vozes sinistras, estridulas gargalhadas tetricas, fortes sibilos, que a imaginação popular tem feito emergir dessa pavorosa bôca, por onde se prezume trafegar, á hora calida do meio dia e no silencio da noite, a personajem polimorfica e imortal de Satanás.

Inda se lhe não tentou uma exploração bem organizada.

A' falta de meios apropriados têm sido até hoje os arrojados planos neste sentido. O que se conhece do interior do abismo vem através das informações imprecizas de dois destemerosos annapolitanos, que ouzaram penetrar-lhe a garganta sombria, em epochas diferentes.

Vai para muitos anos que foi o protagonista da arriscada façanha um padre, então vigario adjunto da freguezia de Lagarto.

A decenção, cheia de perigos, efetuou-se como se segue.

A' borda se lhe acercaram varios habitantes da cidade, colimando todos o alvo de desvendar o misterio. Levavam cordas de caroá, que foram, depois de ligadas umas ás outras, atadas a um tacho. Estava pronto o aparélho de exploração, e pouco depois dezaparecia, tragado no abismo, o explorador audaz. Não profundou muito; uma lage, como formando um grande batente de gigantesca escada, interceptou-lhe a decida. Dai, porem, conseguiu despedir uma vazliha, que apanhou, em baixo, no fundo desconhecido, um pouco da agua cristalina e salôbra.

E subio, após, guindado a braços pelos companheiros apreensivos, o primeiro valente que se aventurou á sondajem da Furna.

Não satisfazia ainda o resultado. E eis que,

(1) E. A. Martel. obr. cit.

anos mais tarde, a investida renovava-se. Pelo mesmo processo, um moço de ouzão mergulhou na garganta monstroza; e ao volver á superfície do solo não trazia novas revelações.

Destarte, até hoje dezaia explicação o enigma indecifrado.

Externamente nada se apresenta a pedir relêvo; a grota abre-se rente com o chão por uma larga bôca de uns seis metros de diametro, e se afunda verticalmente. De um batente, a uns dois metros para baixo do nivel geral do solo em torno, vê-se, horizontalmente, enorme solapa, como formando um tecto armado em pedra, e que lembra, na bem achada imajem de Manoel dos Passos, (1) a tolda de um tilbury.

E' costume antigo, e o meio mais expedito, fazer-se-lhe rapida sondajem com pedras precipitadas no ambito negro.

De tal uzam todos que se lhe achêgam, tranzidos de pavor subitaneo, olhando o precipicio.

Arremessada a pedra produz-se um como soar profundo de sino lonjinho, ecoando... São fortes badaladas soturnas, rompentes da concavidade medonha, e reboando, a espaços breves, emquanto, no transcorrer de um minuto vertijinozamente resvala a pedra, chocando-se nos batentes que se escalam internamente.

E como a ultima solfa desse badalar cavernozô, estronda, resoando em baixo grave, o choque do projetil arremessado de encontro á agua, no fundo encantado do pôço...

*
* *

Conjecturas multiplas se têm feito, varias hipoteses se têm aventado no intuito de esclarecer a razão desse ajuntamento de aguas subterraneas.

E delas a mais em voga é a que procura solucionar

(1) M. P. Oliveira Teles — Sergipenses.

o problema, dando como provavel a existencia de um rio, que por ali serpeia, rumo ainda não sabido. E até muito ha quem acredite tratar-se de um suposto rio subterraneo, que corre por sob a Igreja Matriz da cidade.

Não se pode, *in limine*, condenar taes hypotheses, muito embora faleçam provas para as demonstrações. Enquanto se não conseguir, por meio de explorações scientificas e sistematicas, passar a limpo a verdade do fenomeno, é contraprodudente estar-se a rebater teorias com teorias.

No dominio das provas escasseiam os materiaes, o fato, E', pois, um esgrimir aereo contrapor palavras a palavras.

Que, então, fiquem de pé as hypotheses!

Quanto á abertura de tão profunda fenda no seio da terra, não me parece trabalho de infiltração de aguas. A natureza da rocha não é das que permitem facil destruição pelas aguas. Antes me inclino a dar como bem aceitavel a persistencia da fenda na rocha, não significando aquele buraco mais do que o respiradouro natural da Caverna, formada em baixo pelos condutos subterraneos.

Ademais, não é fora de propozito pensar-se, talvez, numa deslocação dinamica da crosta terrestre abrindo, em remotos tempos, aquella cavidade.

Sem mais demora acredito na existencia anterior daquela solução de continuidade e subscrevo para o cazo para a lei de Martel, já referida: «*Les principales causes de la formation des cavernes doivent être réduites à deux: la preexistance de fissures de roches, etc...*»

Assente isto, outras considerações emergem no assunto.

Sabida a existencia da agua no fundo do abismo e conhecida a copiozidade do lençol liquido, que se distende, immenso, sob o solo do municipio, e mesmo firmada a hypotheze do rio subterraneo, não é de utilidade, pergunto, o emprego de meios conducentes ao aproveitamento daquela agua, que poderá, após uma analize quimica favoravel, desse-

dentar o povo nos dias angustiosos das sêcas e até, conforme a abundancia, refrescar a lavoura estorricada aos raios queimantes da canicula?

Certo que sim.

São inumeraveis os trabalhos conjeneres, executados com proveitozos resultados.

«En pénétrant dans les troppeius de sources on peut parvenir à la decouverte et à la mise en valeur de leurs réservoirs inutilisés, et cela au moyen de travaux appropriés» (1).

E' rica e digna de encomios a lista organizada por Martel de trabalhos abundantes levados a efeito em varios paizes da Europa, e na America, sempre produzindo os mais compensadores proveitos.

Notadamente devem ser apontados a França e a Austria.

O illustrado dr. J. S. de Castro Barboza, numa bem elaborada teze apresentada ao Quarto Congresso Medico Latino Americano, reunido, em 1909, na cidade do Rio de Janeiro, defendeu com vantajens estas idéas, postas em refuljencias inconfundiveis. Dele transcrevo estas palayras, que vêm a talho para a documentação:—«E' digno de nota que no pequeno numero de sondagens geologicas feitas em nosso paiz, sempre se tem encontrado agua e assim tambem grande parte de cortes e tuneis das estradas de ferro, do que fornecem brilhante exemplo o correjo, que nasceu na garganta de João Ayres no alto da Serra Mantiqueira e as fontes perennes verificadas no Tunnel Grande e em outros da Estrada de Ferro Central do Brasil e de Minas e Rio».

Sobejos são os exemplos. Fique, como tipo, consignado o oferecido pelo notavel enjenheiro.

Agora, que o Governo Federal lançou vistas generozas para essas parajens assoladas, esquecidas criminozamente até então, e cojita de soírear o flagelo das secas, adotando os remedios de ha muitos

(1) E. A. Martel. Obr. cit.

aconselhados pela ciencia, justo é que faça explorar
aquele abismo, cavado na zona ocidental do peque-
no Sergipe.

Excede os recursos materiaes do Municipio a
execução da obra por sua conta.

O Estado tambem, devendo olhar para outros
reparos mais urgentes, não pode tomar a peito a
empreza.

E' á União que cabe produzir este inestimavel
beneficio.

E o pobre habitante dessa estancia lonjinha,
quando contemplar, transformada, a Forna *encantada*
num manancial perene e farto, alimentando a cidade e
diminuindo a miseria, desperto verá, então, que ha
uma mãe patria para todos os filhos.

E não se julgará mais um arrenegado dentro da
União Brasileira!...

CARVALHO NETO.





Discurso proferido pelo dr. Floro
Freire, na sessão solemne de 12
de Outubro de 1926.

Senhores,

Um accaso feliz deu motivo a que nos encontrassemos-eu e o nosso estimavel e intelligente consocio Sr. Epiphanio Doria, numa festa intellectual, depois de cerca de vinte annos de afastamento.

Feliz accaso para mim; precario para elle. Para mim, pelo ensejo que se me offereceu de ingressar nesta brilhante e utilissima sociedade, graças ao seu intermedio, que não ás mihas virtudes. Precario accaso para elle, em face das responsabilidades assumidas em me propondo para membro do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, cujas tradições de estudo, de saber e de utilidade poderei quebrar.

Subo as vossas escadas sem credencias e quasi sem propositos. Subo-as, como contemplador, como se galgasse montanha para a observação platónica dos valles, para acompanhar a linha prateada e longinqua das caudoes, admirando as verdes frondes que vestem a terra, demorando nos

phenomenos de decomposição da luz, a alma debruçada nos olhos.

Tenho para mim que o progresso duma nação depende tanto das suas condições polico-administrativas, quanto das suas condições naturaes. Um só dos dois coefficients não basta para effeito util.

Observa-se que o Brazil arrasta uma vida marasmatica, incompativel com o seu tamanho e com as suas possibilidades agricolas, perdendo, dia a dia, a sua preponderancia na America do Sul, como se depreheende da recente questão da *Liga das Nações*. A sua ordem interna vive perturbada; a sua justiça carece de organização séria; a moeda precisa de ser valorizada; o seu povo necessita de instrucção. Não tem censo eleitoral; não tem esquadra util, capaz de garantir as suas costas e sustentar a sua grandeza; não tem parlamento responsavel, dado o seu regimen presidencialista.

Caminha porque não póde parar, parte integrante que é da dynamica universal. Auda se decompondo, se dividiundo, como a realizar, pela falta de centripetismo, o mesmo phenomeno da nebulosa primitiva.

Penso que as leis não devem ser concepções sem assento nos phenomenos. As leis que regem a materia ou as sociedades são generalizações de factos; a sua applicação importa em considerarem-se os elementos abstrahidos. As leis gerues applicadas a S. Paulo, Estado de formidavel capacidade economica e de grande superficie territorial, não se enquadram no pequeno

Sergipe sem previo trabalho de adaptação, extremamente difficil, senão impossivel. As leis protectoras e reguladoras das industrias não se podem applicar, em beneficio da collectividade, em paiz cujas condições naturaes o elegem, exclusivamente, em paraiso da agricultura. Abstrahir dos elementos perturbadores seria abstrahir de tudo e cahir no nada.

Politica e administrativamente, o Brazil está organizado sobre uma base de injustiça, onde as generalizações não assentam, o que constitui um irremediavel mal de origem, determinador do fracasso de medidas, mesmo as inspiradas no desejo de melhoramento colectivo. Ao lado de Estados poderosos, em superficie, em população e em força politica; em fontes economicas de toda a natureza: — rios permanentes, estradas de ferro, portos, quedas d'agua, bacias hydrographicas de fertilidade incomparavel, florestas e mineraes preciosos, vegetam pequenas unidades, condemnadas a uma eterna pobreza, sem recursos para um largo desenvolvimento, sem aspirações aos melhores logares. Ao lado da Bahia, que occupa 6,23 % da area total do paiz e que tem uma população de 3.334.465 habitantes, está Sergipe, occupando apenas 0,25 % da superficie do Brazil, tendo somente 477.064 almas. E' o excesso se defrontando com a carencia, o palacio se medindo com a choupana e o leão olhando para a formiga.

O paiz está inteiramente cheio deste contrasenso, do qual resulta o dominio politico e economico do Rio Grande do Sul, Minas, S. Paulo, Bahia e Pernambuco. Dahi, o progresso dis-

par; dahi, o pequeno coeфициente medio de progresso nacional. Enquanto que cinco tudo têm, dezasseis tudo pedem, inclusive a indicação dos seus dirigentes. Enquanto que cinco têm sobras, dezasseis têm faltas, sem que recebam os salutarres effectos do principio physico e universal do equilibrio movel de temperatura, applicando á politica.

As unidades poderosas açambarcaram a politica, pesando na razão da percentagem dos seus representantes á Camara Baixa. Constituiu-se uma especie de sociedade anonyma, da que estamos tão cheios, em que os maiores accionistas enriquecem e engordam, distribuindo, a seu bel prazer, pelos pequenos subscriptores, as migalhas do banquete metallico.

Os presidentes de republica revezam-se, em regra, entre Minas e S. Paulo, para onde enca-minha-se a maior parte da renda do paiz, applicada ao desenvolvimento das suas fontes de riqueza, e disseminada nas vastas malhas da burocracia federal.

Rio Grande do Sul, Bahia e Pernambuco têm os seus portos; as suas rêdes ferroviarias; as suas Inspectorias, providas de boas dotações orçamentarias, de material e de pessoal abundantes; as suas academias; as guarnições militares importantes e numerosas; os seus palacios para os serviços publicos federaes; as suas pontes; as suas rodovias. Enquanto isso, os pequenos Estados arrastam vida de satellites, ostentando, a luz alheia.

Argumentam-se que as grandes unidades são as que mais produzem, as que maiores arrecadações permitem ao fisco federal, sendo por isso

que a elles volta, em beneficios materiaes, a maior parte da renda publica: E' a logica do auxilio a quem não precisa, para bem dos necessitados. Generalizando mais, é o principio do aniquilamento dos pequenos, afim de que, desafogado o Thesouro, corram, em borbotões, para as grandes unidades, todos os recursos publicos. Aliás, sob esta razão, debaixo de tal aspecto, têm reportado em S. Paulo e Rio Grande do Sul, veleidades de separatismo.

A borracha amazonica, o algodão parahybano, a castanha do Pará, o babassú do Piauhy e do Maranhão vivem entregues a si proprios, soffrendo as caprichosas oscillações dos mercados europeus e americanos. Não ha serviço de aperfeiçoamento, de selecção, de plantio; não ha favores nem incentivos. O que ha são impostos mais ou menos pesados. A canna foi vencida pela beterraba, enquanto que o café venceu a chicoria.

As mattas de S. Paulo vão cedendo logar aos cafesaes, que se estendem, a perder de vista, galgando declives, descendo nos vales, margeando rios, alargando-se pelos campos, graças aos favores publicos, á protecção, ás valorizações financeiras do producto, aos empréstimos beneficiadores, á colonizaçõe abundante, á propaganda systematica.

A preponderarem razões historicas para o desequilibrio politico e economico assignalado entre os Estados do Brazil, Sergipe devêra estar entre os mais favorecidos. O seu territorio comprehendia-se entre o S. Francisco e o Itapóan, entre o mar e o sertão immenso, até onde fosse

da conquista real, tal como consta da Carta de Doação e da Carta Foral de D. João III, em 1.534, ao crear a capitania hereditaria de Francisco Pereira Coutinho.

A fatalidade geographica, porem, quebrou-nos as possibilidades de successo, privando-nos dos elementos indispensaveis para a conservação e defesa das nossas fronteiras.

Diogo Alvares installára-se na vasta, aprazível e formosa «Bahia de Todos os Santos», sobre as collinas que a dominam, provavelmente asoberbado pelo espectaculo daquella opulencia vegetativa, reflectindo-se nas aguas mansas de um porto natural.

Francisco Pereira Coutinho, que demandava a sua capitania de Sergipe, em sete naus, cheias de fidalgos e riquezas, depara com a villa de *Caramurá*, demorando na cercadura da bahia infundavel, recortada de enseadas e canaes que se estendiam pelo continente, envolvendo ilhas verdejantes. Cresceu no seu espirito o desejo de apoderar-se do accidente geographico, em cuja visinhança vinha morrer o limite sul da sua capitania, sonhando, talvez, com uma futura cidade maravilhosa, entreposto commercial da mundo.

Informado da «bôa disposição do porto e rios» da «Bahia de Todos os Santos», bem como da «bondade, abastança e saúde da terra», El-Rei, considerando-a «o logar mais conveniente da costa do Brazil para se fazer povoação grande e forte», elegeu-a, em 1.549, para séde do Governo Geral das Capitánias, sob a criteriosa administração de Thomé de Souza.

Feita metropole do vice-reinado, cresceu em

poderío, enriqueceu-se de officialismo e de commercio, povoou-se de ambiciosos e de aventureiros, de nobres e de plebeus, todos trazendo de Portugal o desejo da fortuna facil, a febre do ouro, a ancia de largos dominios da terra virgem.

Christovam de Barros conquista Sergipe aos hollandezes e os povoadores bahianos lançam-se para o Rio S. Francisco. Garcia d'Avila obtem formidavel latifundio, com duzentas leguas de testada á margem da poderosa caudal, para onde corre uma alluvião de reдеiros, a fundar curraes.

Ao lado do movimento expansionista, cresce a ambição politica. O officialismo sonha com um raio de dominio mais amplo e procura dilatar as suas fronteiras. Assim é que, o desembargador Estevam Ferraz de Campos, em 1.698, funda a villa de Cachoeira, em territorio bahiano, e dá-lhe para termo uma vasta porção das terras de Sergipe, fazendo-o de sua conta propria, sem credenciaes para o commettimento. Vasco de Menezes, vice-rei, mentindo e intrigando, pleiteia despojar-nos das terras comprehendidas entre o rio *Real* e *Itapoan*, conseguindo recuar o limite sul da nossa comarca, em 1729, para o telweg do *Subahuma*, satisfazendo, em parte aos dictames da sua vaidade e ás deshonestas aspirações dos poderosos senhores da *Torre*. O Bacharel Manoel da Fonseca Brandão, Ouvidor de *Jacobina*, ensaia estender a sua alçada e o seu mando até ás nossas villas de *Itapicurá*, *Inhambupe* e *Abbadia*, contra o parecer do Conde das Galvéas, que escrevia ao Rei comprehen-

der aquella ouvidoria mais terras que as encerradas pelos continente da Hespanha. A Assembléa Geral Legislativa da Bahia, sem approvação de Sua Magestade, «resolve» erigir villas nos nossos julgados de GEREMOABO, SENTO SE e PAMBU, onde passa a jurisdicionar livremente.

Ainda a fatalidade geographica, que déra origem ao officialismo tão prejudicial aos nossos interesses, e que fizéa a prosperidade economica e politica da nossa vizinha, deu causa a que ella se constituísse, no anno de 1763, em Estado da Bahia, em cuja constituição entrou a capitania de Sergipe d'El Rei, bem como as de Ilhéos e de Porto Seguro. Perdemos, assim, a nossa independencia, sem que, no entretanto, apesar de provincia, tivéssemos perdido os primitivos limites.

No dia 8 de Julho de 1820, ephemeride hoje commemorada, El-Rei foi servido de nos desagregar do Estado da Bahia, concedendo-nos as sonhadas prerogativas autonomicas, revivando-nos as aspirações de liberdade, desafo-gando-nos o sentimento regional-justo, razoavel, humano, primeira generalização do sentimento de familia, sobre que assenta o culto da patria.

Muito embora separados, por acto legitimo do Rei, no qual se declarava *absoluta* isenção e *total* independencia, a Bahia só cumpriu a determinação em 24 de Outubro de 1824, isso mesmo detendo o melhor das nossas terras, conservando para si, discrecionariamente, villas futuras, valles fertillissimos, montanhas e planicies, minas e florestas, campos e caudales, reduzindo-nos ás estreitas proporções relativas em que nos

encontramos, esmagados entre o *Coité* e o oceano, encolhidos entre o S. Francisco e o rio Real pequeno, como se fomos um paiz extranho, habitado por outra gente, conquistado a ferro e fogo pela nação visinha, anciosa de expansão, premida pela ancia de progredir, ungida pela resolução de civilizar, revolvendo e cultivando novos sólos, descobrindo minas preciosas, creando e desenvolvendo fontes de trabalho para felicidade do seu povo immenso.

Por um triz, senhores, não ficamos independentes sem terras, autonomos errantes.

Apezar das nossas razões historicas, inso-phismaveis, para readquirirmos as terras do *Morgado do Juro*, não creio que o consigamos, dado o regimen politico nacional. Na lucta desigual, seremos fatalmente vencidos. A Bahia pesará na balança dum tribunal, não pela justiça da sua causa, não pela penna dos seus escriptores, não pela palavra dos seus filhos, mas pelo numero dos seus deputados, pelo valor das suas rendas e pelo orgulho dos seus naturaes. Não descreio da honestidade dos juizes, mas creio no direito da força.

Só uma grande reforma constitucional poderia dar-nos o remedio salutar, consistente no estabelecimento de egualdade de representação á Camara Federal, para todas as unidades politicas. Tamanha medida traria a divisão equitativa da superficie territorial do Brazil pelos vinte e um Estados actuaes, desaparecendo, em consequencia, a base de injustiça em que repousa a nossa organização politico-administrativa.

Será isso uma chiméra, mas fôra chiméra a

independencia do paiz, fôra chiméra a abolição da escravatura, fôra chiméra a proclamação da republica.

Oliveira Vianna, delicioso escriptor brasileiro, acha que o systema organizado pelos constituintes republicanos dá ao Presidente da Republica poderes superiores aos do Soberano nas monarchias constitucionaes, tornando-o um verdadeiro autocrata ou um dictador. Quer me parecer, porem, que autocratas e dictadores são os grandes Estados, em cujas mãos o Presidente é joguete: tudo com elles; nada sem o seu consentimento, por isso que elles são a maioria parlamentar, sem a qual o executivo ficaria manietado. O resto é a patulêa que applaude e péde pão. Senão, vejamos o Rio Grande do Sul, em eterno pé de inconstitucionalidade, onde não ha intervenção possivel e sim accordos, mais ou menos humilliantes, mais ou menos sonogados.

O mesmo sociologo patricio, apreciando o que elle chama «marcha para diante, larga e de-sassombrada, de uns» Estados e «marcha para traz de outros, rapida e incoercivel» commette o peccado de attribuir o disequilibrio á falta de uma aristocracia politica, organizada e numerosa, nas unidades atrazadas. E, appoiando-se em Tavares Bastos, condemna a symetria autonómica dos Estados brasileiros, achando que alguns delles deveriam ficar debaixo dum «relativo regimem pupilar da parte dos poderes federaes».

Eis ahi, senhores, o que diz um dos mais profundos e modernos escriptores da nossa patria, sendo de notar que, muito embora seguidos

de um duvidoso «etc», elle cita como prosperos e, consequentemente, com direito a autonomia ampla, os Estados de Minas, São Paulo, e Rio Grande do Sul, isso é, os maiores, politica e economicamente. Os outros, naturalmente os pequenos Estados do Norte, sem recursos materiaes, sem vias de comunicação, sem auxilios, sem corrente emigratoria, sem representantes bastantes na Camara para o pleiteamento dos seus interesses e para efficiencia das suas reclamações, esses deveriam sahir da symetria e mourejar debaixo da pupilla da União.

Lembre-me do principio de Comte, segundo o qual só existe de absoluto o criterio da relatividade. Aqui, só é symetrico o principio da assymetria, creador do monopolio e determinador da injustiça.

Sem descer a detalhes perigosos, posso asseverar, porque está no consenso de todos vós, não haver egualdade pratica de autonomia entre todos os Estados da Federação, mormente em materia de eleições. Somos assymetricos em face da desigualdade de área; da desproporcionalidade de boas terras em relação ao conjuneto de cada superficie; da carencia de cursos perennes para uns Estados e da abundancia para outros; das condições climatologicas diversas; da falta de elementos de circulação para os pequenos e da relativa abundancia para os grandes; da densidade de habitantes de uns e da pequena população de outros; das distancias differentes aos centros consumidores ou distribuidores; dos deseguaes accidentes geographicos e dos deseguaes numeros de representantes ao congresso nacio-

nal, factores esse determinantes do progresso dispar.

Ao envez do cerceamento de direitos, estabeleça-se egualdade, nos limites das possibilidades phisicas, entre os vinte e um Estados da Federação, dando-se-lhes os mesmos direitos politicos. Assim, o progresso seria, por força, uma conquista harmoniosa, por isso mesmo que sendo, como somos, a mesma gente, originaria dos mesmos troncos, com a mesma capacidade de intelligencia e de trabalho, agiriamos da mesma forma, dentro dos mesmos coefficients naturaes, para relevo da Historia commum.

Tivemos um Presidente nortista, o Sur. Epitacio Pessoa, interessado pelo desenvolvimento economico da sua região. No correr do seu periodo administrativo, o Nordeste sonhou com a prosperidade, vendo o empenho no soluçionamento do seu problema vital, o derrame de favores no seu sólo, traduzido em construcção de portos, vias ferreas, estradas de rodagem e açudes gigantescos. Contractos se fizeram, amarrando parte da renda publica ao levantamento material daquelle malsinado pedaço da patria. Minas, porem, tomou-lhe o bastão de mando, suspendeu as obras começadas e canalizou para o Sul a sua orientação administrativa. A minoria parlamentar nortista calou-se, comprimida pelo phenomeno do numero, esmagada pelo poderío dos Estados maiores. O assumpto pratico e urgentissimo das secas deu logar ao ideal longinquo de mudança da capital da Republica para o planalto central de Goyaz, voltando-se a engenharia para a construc-

ção de estradas no territorio mineiro, em demanda da metropole futura.

No entretanto, senhores, os Estados grandes não podem manter, por si sós, a nossa integridade territorial, na paz ou na guerra, fornecendo recursos para a manutenção dos nossos serviços ou homens para a defesa da nossa soberania.

A egualdade de representação traria o voto secreto, traria a ordem interea, traria desembaraço para o commercio, traria riqueza compativel com a extensão e condições do sólo. E tudo isso irradiaria sobre o Brazil porque os projectos, agitados pelas bancadas, através dos interesses reciprocos, não mais dormiriam no seio das commissões, á espera da palavra de ordem presidencial.

Termino aqui senhores, no proposito de não vos enfiar mais do que tenho feito. Se nova oportunidade se me offerecer, examinarei a segunda parte da minha these, relativa ás nossas condições naturaes como coefficients de progresso. Entre ellas, não deixarei de referir-me ao elemento homem, que Roosevelt, considerando-nos debaixo do ponto de vista Norte-Americano, acha contrastar com a grandeza da terra, na expressão muito repetida pelos proprios brasileiros, ás vezes com ufania: « no Brazil, tudo é grande, menos o homem ».

Ao envez disso, o homem brasileiro é gigantesco, no tocante á sua capacidade de trabalho, no que diz respeito á sua intelligencia e no que se refere á sua moralidade. E' Sabio philo-

sopho, poeta, romancista e orador e politico, digno dos mais afamados paizes. Lucta com uma natureza ingrata, com um sub-sólo pobre e com uma extensão territorial immensa. Domina cachoeiras, levanta cidades, devassa e civiliza florestas, habita carrascos. Povôa a Amazonia que é a côrte da febre e identifica-se com os rigores climatericos do Nordeste que são o inferno da vida.

FLORO FREIRE.

Aracajú, 8 de Julho de 1926.





Itabayana

I

*. Ita, collis; aba, vir,
humo; oane, nune.*

CREIO QUE SEGUNDO MARTIUS.

Esta pequena patria de montanhas
E' um pequeno berço effervescente
De vagueiantes lendas. Cada gruta,
Cada alcantil erguido sobre a serra,
Cada bocca de malta anoitecida,
Cada retiro e cada solidão,
E' no estylo natural conciso
Do pintor invisivel bello quadro,
Excelsa tela de magias raras,

* * *

De perto, observei suas grandezas.
De dia, em pleno sol que a luz refrange,
E' grato projectar a luz dos olhos
Pela extensão dos grandes descampados.
Quanta surpresa então! A natureza
Toma a feição de garrula cigana;
Não veste andrajos, mas ostenta galas;
Não traduz o futuro, antes o esconde,
E obriga o pensamento a perseguil-o.

Sem rumo e norte, fatigado a busca
Do recavado golfo dos seus mimos.

*
* *

Do pôr-do-sol em deante tudo esplende
No proprio véo das sombras desdobrado
Manso gotteja o rocio nocturno
Do enxovalhado manto da amplidão.
Myriadas de estrellas scintillando
Da via-lactea o assento desmaiado
Accendem com fulgor, que se compara
A um lagarto de fogo faiscante.
Errantes virações de quando em quando
Passam, perpassam. Cada mouta escura,
Aos olhos de um grego apaixonado
Abrigaria a dryade travessa
A saltar pelos ramos consagrados.
A hora vem do mais festivo baile
Dos sêres encantados das florestas;
Pois anoitece:—a hora dos mysterios
E das saudades fundas, penetrantes.
Quem amores não sente, quando a noite
Se inclina de lá da immensidade!
Quantos hymnos de amor ella me inspira!
Quanto puro ideal commigo assiste!
Noite, noite de amor, és doce enlevo,
Mensageira fiel da solidão!

*
* *

Tu, Musa do Brasil, não me abandones
Mergulha meu pincel nas cores vivas
Do bello e do sublime. O pensamento,
Que educo, de gravar em pobres versos
O nome desta patria que idolatro,
Corra espontaneo, livre, alevantado.
Monumento de luxo e de opulencia
Não me concede o ingenho solitario.
Corram pareo com a voz do entendimento
As effusões desta alma generosa;

Que sergipano eu sou : amo Sergipe.
 Com ella gemo e soffro a desventura
 Que lhe pesa na sorte aventureira.

* *

Farta de seiva, a poesia errante
 Pode aqui germinar nobres productos,
 Capazes de cortar o curso ás cousas,
 Que passam no silencio extravagante.
 De um viver de esponja indifferente
 Muito te adoro, ó ninho perfumado!
 Patria dos coqueiraes de palmas langues,
 Das bromelias gentis e das begonias,
 Da baunilha, dos cedros seculares,
 Neste meu peito a extravasar tristezas
 O mais caro recanto inteira occupas.
 E' o mais querido albergue de minha alma;
 Estancia derradeira onde a alegria
 Costuma ás vezes sacudir as azas
 De auroraes effluvios iriadas;
 Mas como o puro amor ahi habita,
 Ahi, ó patria, assignalei teu nome.

* *

Aurca estrella gentil que se condensa
 Em fogacho de bellas esperanças;
 Tu que me prendes a um porvir fulgente;
 Renovando nos teus meus pobres dias;
 Visão que me seduz, porem tangivel,
 Minha estrella polar, meu torrão de ouro
 Minha riqueza, meu cuidado e enlevo;
 A terra onde nasci, que não me é dado
 Dos rapaces salvar, que a degredaram,
 E' o unico legado que te deixo.
 Em Sergipe nasceste, Garcilazo,
 Compromisso solemne contrahindo,
 Força e talento empenharás por ella.
 Como Hannibal, aos pés dos meus altares,
 Nunca vingança, mas amor e affecto
 Por teu Sergipe jurarás contente.

II

Na vasta região embalsamada
 Por candeiaes de aromas exquisitos;
 Que vae em paralelo a toda a costa;
 Onde vinga o cotão de flores laureas,
 E' que fica o planalto sorridente
 De Itabaiana. Vem da serra o nome.

*
* *

Que bella região! Paiz de fadas!
 De tudo quanto è murmur no unixerso
 —Desde a voz da insecto á voz das auras—
 Alli existe um exemplar sublime.
 E da orchestra que ensaia o bando alado
 Nenhuma nota voa, que não fira
 No coração delicias ineffaveis.
 Aos olhos resurgem maravilhas
 Quaes cambiantes vistas subtaneas,
 Phosphorecentes. As neblinas mansas
 Os dias de verão e as invernadas,
 Tudo é grande motivo sublimado
 Para emover a alma do poeta.
 Outras vezes da serra sobre a grimpa
 Bem perto, extranha laz irradiando,
 Aos insultos do sol em pleno dia,
 Ou do frouxo luar á luz pallente,
 Vem tremulando clara projectar-se
 Pelos telhados da cidade antiga.

*
* *

A lenda popular, que não discute,
 Imaginou a historia inverosimil
 De um novillo encantado lá na serra.
 Por ventura reflecte inconciente
 Os labores ruraes dos habitantes,
 Que vivem a lavrar as ferteis terras,

Que circumda a galharda serra
 A rica musa popular fecunda,
 Que distribue canções e forma lendas
 As mil dilatações da alma do povo,
 —Ou sejam tranzes de agonia extrema,
 Ou sejam rosas do viver tranquillo,
 Ou sejam madrigaes ou ironias—,
 Em cada estrophe reproduz artista,
 Magico espelho, reproduz a imagem
 Do operario senil,—o povo rude.

*
 * *

Ditosa Itabayana! Em teu regaço
 Fulgem faúlhas da passagem brusca
 De Tobias Barretto de Menezes!
 Foi em ti que rugio o leão rude.
 Rugio... Cada rugido era um poema,
 Condensação de rutilas estrellas,
 Que o patrio genio traduzia em verso.

Salve, terra gentil dos candeaes!
 Que outras victorias não contando, excepto
 O anel de lendas que te cinge a sorte,
 Basta a augusta lembrança enaltecida
 De alimentares em teu seio agreste
 Todos os rasgos do gigante enorme,
 Em tudo grande, desgraçado em dita,
 Do generoso, infeliz Tobias.

*
 * *

Vamos, meu estro. Com a lyra em punho
 Ferindo notas expressivas, bellas,
 Nesta lingua que fallo, que menino
 Babi a haustos do materno leite,
 Celebrarei um drama original,
 Deriva das origens afastadas;
 E' como ellas, ideal, ethereo.

III

Era um indio... Nem sei que nome tinha.
 Não cogita do nome a poetiza,

A trovadora errante, que reside
 Onde quer que a razão indifferente
 Desattende ao labor do sentimento,
 Era um indio, dizia, um potentado,
 Terror das selvas todas, pois mandava
 Sol e chuva naquelle antigo tempo.

*
 * *

Outro indio, não longe, dominava;
 Tambem soberbo e mau, mas alquebrado,
 Já farto de viver, no fim da idade;
 Não velho a caducar, porem já velho,
 De longa experiencia torturado.
 Mais feliz que o rival, tinha uma filha;
 Mais infeliz do que elle mais cuidados,
 A indiana, na flor da mocidade,
 De sazoados seios requeimados,
 Fazia entontecer cada guerreiro.

*
 * *

O caboclo rival do velho chefe
 Era indio potente, musculoso.
 Fanfarronava luctas e batalhas;
 Na vil cabeça a intenção ardia
 De exterminar o indio legendario.
 Era *Miaba* a um tempo premio e causa
 Para dar fogo ao odio inveterado;
 Pois a bella *Miaba* era insensivel
 Aos protestos do indio apaixonado.

*
 * *

Uma vez em um soito sombreado
 Elle a vio e fitou contemplativo.
 Era tão bella! tão morena e linda!
 Ella ria com o rir das trepadeiras,
 Com os olhos no céu, em doce enlevo,
 Formosa era a deveza. Dir-se-hia

Pequena ilha perfumada e fresca
 Onde se erguia ao céu altivo e nobre,
 Como vivo attestado das edades,
 Gigante vegetal, cedendo ao enleio
 De uma latada a lhe enfeitar a fronde,
 De maracujá, roxeadas flores.
 Uma brisa macia leve afflando
 As moutas sacudia. Doce chuva
 De petalas agrestes derramava
 Sobre a moça indiana, que scismava.

*
 * *

Elle a vio e tremeu. Era essa a hora
 Em que a lua não tem o clarão frouxo
 Que, anoitecendo, espalha pelo mundo.
 Era prata tal qual. Já na aurora
 As barras da manhã tingiam nuvens
 De côr de rosa, annunciando o dia.
 A harmonia das aves começava
 E o brando cicciar das auras mansas.

*
 * *

E de outra vez á beira de um arroio
 Em scismas se embebia a americana.
 Era ao cahir da noite: hora de enlevo,
 Mas tambem de tristeza cruciante,
 Que mais se gosa quanto mais se chora.
 E bem sabeis que vagos, dulçurosos
 Pensamentos de dor no ermo assomam,
 Quando a sós taciturnos meditamos.
 A queda duma folha gera assombro.
 Vae na queda da folha a espr'ança murcha.
 O inquieto olhar vagueia errante
 Na funda solidão, onde esgueirados
 Passam figuras vãs, sinistros vultos.

V

Figurae-vos, leitor, num desses dias
 De tardes orvalhadas de saudades

A' beira dum regato, ao pé da serra.
 Com o sol, que expira, se evapora o riso ;
 Sobem com a noite as illusões do medo ;
 Da selva inteira lá negreja o seio.
 Vereis tudo fugir a pouco e pouco.
 Amores, ideias, risos, encantos,
 Vereis do abysmo na garganta escura
 Sumir-se: que não vale amor nem crença,
 Quando o espectro do medo o peito esíria.

*
* *

No palpitante coração da virgem
 E' possível que a dor também penetre ?
 A vida da donzella é um preludio,
 E' raio festival de sol nascente,
 Sonhos, risos, amores, — eis a virgem.
 Onde ha riso de moça ha mar de anhelos,
 Mas ai flores! visões! ai vãs chimeras!
 E' o dia o riso e a dor é a noite:
 Eis pois da vida a dura alternativa.
 Uma vida sem lagrymas ardentes
 E' como uma donzella sem amores.

*
* *

Por isso é bom viver emquanto a morte,
 Esta visinha má, que anda em viagem
 Pela existencia afora em qualquer parte,
 Não dá nenhum signal de que é chegada.
 Amemos. O amor não é só contacto
 De carne contra carne ou beijo impuro ;
 Porem norma do bem, como ideal.
 A morte, quando vem, não manda avisos ;
 Não tarda no caminho: é prompta e breve.
 Mas no drama da vida as scenas passam
 Com rapidez fatal, que assim resolve
 Os difficeis problemas da agonia.

V

Scismava a pobre virgem sertaneja,
 Immergindo no fundo do ignoto
 O vacillante pensamento incerto.
 Como enorme morcego, pelos montes
 Vae agitando a noite azas de sombras,
 Triunphantes da luz que vae morrendo.
 Aproveitando o estridular dos grillos,
 Typo de homem vem, quebrando ramas,
 E de um só pulo se apresenta á virgem.

* * *

Quiz a moça fugir, era já tarde.
 Só lhe restava resistir á furia
 Do cacique que ardia pelo goso.
 Não de outra sorte a alimaria bruta,
 Abrazada no fogo da lascivia,
 Rosna, babando, sexual deleite.
 A' femea accorre, lambe-a; retrocede
 E avança de novo tiritante,
 Na feroz expansão desenfreiada
 Do instincto genesico indomado
 A forma o animal quasi transmuda.
 O pello vestical é como selva
 De espiheiral desnudo da folhagem.
 Continua a avançar ardendo em cio
 Que lhe referve no esquentado sangue.
 Mas é certa a repulsa. O amor desanda
 Longe da fera em lucta pelo goso.
 A natureza indifferente, crua,
 Relucta em não unir, talvez cedendo
 Do genio da especie ás exigencias.
 Era assim o cacique. Em torvo offego
 As ventas dilatando, porecia,
 Certo da posse da mulher amada,
 Com rancor desprezar os céos e a terra.
 Miaba era indomavel no desprezo,
 Fria de mais para um guerreiro altivo.

Quando encarou naquella solidão
 Ao pé de si um homem repellente,
 Cheio da mesquinha gana esqualida
 Do impecto carnal apaixonado,
 Teve medo, tremeu; tremeu convulsa;
 Da propria fraqueza armando a força,
 Para bem longe o repellio irada.

*
 * *

Houve um instante mudo, mas terrivel.
 Mas o selvagem não reflecte muito.
 Demais era senhor do ermo e della,
 Nessa hora feliz, cevando raivas,
 Prazer e odio saciava á farta.
 Oh! a negaça accelerou-lhe o fogo.
 Como treme o assassino, se nas faces
 Embotadas do crime, castigadas
 Pelas lívidas cores do remorso,
 Horrenda bofetada accende a raiva
 E mais um crime arranca do recanto
 Do petreo coração, elle tremia.
 Do incendio feroz, agigantado
 Na alma lhe bate a labareda em cheio;
 Bem como á face lisa dum espelho
 A luz do sol resvala de repente.

*
 * *

Emfim, muito mais poude a ebriedade.
 Foi-se o cacique em tedios devorados,
 Tedios do goso, que succedem logo,
 Chora Miaba a ingratição da sorte.
 O riacho a rolar sobre pedrinhas
 Imitava os soluços de Miaba.
 Mas nem toda desgraça vem isempta
 De consolação. Nas aguas presto
 Bello jurão ergeu-se confortavel,
 Na taba de seu pae não mais foi vista.

*
* *

Então dizem que déra á luz, ao cabo
De nove mezes de crueis tormentos,
Uma formosa explendida menina,
Que trouxe a sorte de viver nas fontes,
Nas aguas claras, nos ribeiros limpos.
Ainda hoje a volta onde genios
O rude palaffita construíram,
E' appellidada *Poço da Mãe da Agua*.

VI

Mas do cacique a sorte desandando
Deu-lhe tragico fim á soberbia;
Mas nem tão deploravel, que mais tarde
Não cingisse-a a singella poesia
De clarões e luares deslumbrantes:
Que as cousas longinquoas, afastadas
No tempo e no lugar, sempre irradiam
Suave luz que encanta e bruxolea.
O mytho é um luar da antiguidade.

*
* *

Referem que Tupan na terra andando
Ouvio narrar o episodio triste
Da formosa Miaba. Inconsolavel
Chorou Tupan de pena. Um Deus chorando,
Importa um turbilhão de ruinarías
Na mole universal. Os polos tremem;
Estremecendo ruem as montanhas;
Emquanto os mares agitados fervem
Com furor acoutando a immencidade.
Pois foi o que se deu quando Tupan
Chorou com pena a sorte de Miaba.

*
* *

E revestindo a forma veneranda
De peregrino piaga, lacerado

Das pedras do caminho, foi á taba
Do orgulhoso cacique. Emfurecido,
Arrogante, quebrando a lei antiga,
A sancta lei da hospitalidade,
Nunca farto de guerra, avesso á paz,
O velho injuriou com requintada,
Com alvar e feroz descortezia.
Negou-lhe agua da fonte crystallina;
Negou-lhe caça morta, havia pouco;
Negou-lhe amiga rêde de repouso.

*
*
*

Então do velho a forma vae mudando
Pouco a pouco. Rebentam novas cores
E traços novos. Foge-lhe a figura
Com que appareceu: é uma ave bella,
Um lindo papagaio, que voeja
E vae pousar na arvore mais alta,
Que em roda existia. Então terrivel
De lá pragueja maldições tremendas:
— Olha o justo castigo que mereces,
Orgulhoso cacique, que imprudente
A Tupan recusastes os dons da vida:
— Os raios de Tupan te firam na alma,
Immovel ficarás mudado em serra;
Para sempre serás — *Itabayana*
E quando as gerações passarem junto
Ao logar onde foi a tua choça,
Tranzidas de tristeza lacerante,
Apontaraõ para a alterosa serra,
Exclamando: *Alli está Itabayana!*...

VII

Pouco depois as nuvens se inflammaram
E fulminante raio atravessara
O cacique a tremer. No mesmo instante
Solta um grito de dor; mas já sem forças
Rodou tres vezes, baqueiou no chão.

Contorce-se nas pedras moribundo;
De cada braço e perna ergueu-se um monte,
E a cordilheira surge de um só homem.

VIII

A ignea lingua lhe excavou no peito
Lethal cratera, que extravasa o sangue;
O qual, rumo do sul, seguindo em curva
Trajectoria, como um arco-irys,
Cahio mui longe, de outra serra ao pé
E a terra ensopou; de onde mais tarde
Mananciaes e fontes se rasgaram.

*
*
*

O sangue que esguichara da ferida
Chamou-se *Cotinguiba*. Inda hoje corre...

S. Christovam, 1891.

M. P. Oliveira Telles

NOTA. — Despertou-me o pensamento de escrever este pequeno poema a definição do vocabulo indigena, que nos deixou Martius. A qual seria bastante para inflar a nossa vaidade, considerando-se que aquella cidade sergipana, como diz Sylvio Romero a respeito de Campos, tambem é um ninho de lendas. O grande naturalista traduzio o vocabulo como poeta, claramente deixando perceber-se o facto da metamorphose de um homem em serra. Comtudo, não está longe de outras traducções. E são muitas. Até já houve quem o explicasse pela seguinte exclamação, — *Ita! bahiana grande!*: a meu ver, grandissima asneira, como aquella que pretende que o nome *Aracajú* deriva do facto de haver sido celebrada a primeira missa sob a fronde de um cajueiro.

A etimologia de *Aracajú* é um pouco *trivial*.
1. determinativo de lugar onde, *ara*, *jita*, *gum*, *montanha*, *tab*, *taba*,
alibia, *poiso*, *oncora* *fil*, *hu*, *aguar*, *o*, *am*, *ana*, *abru*, *Libe*

realmente: Naquelle Serra vivem as almas dos homens do
rio; esta é, morada das almas do Abaí ou Abai, dos
maturos de Abaípe anteriores, nome do barão Sergi-
pe.

Segundo Ivo do Prado, que ouviu da bôcca de uma cabocla paraguaya, *Itabayana* quer dizer *serra alterosa*. Conforme penso, tres opiniões se harmonizam na traducção. O dr. Armindo Guaraná diz: *Itabayana*. *Ita-pedra*; *taba-aldeia*; *oane-alguem*: naquella pedra mora alguem, ha uma aldeia com gente (Rev. do I. H. Geographico de Sergipe 1914). O dr. Theodoro Sampaio (O Tupí na Geographia Nacional), escreve: *Itabayna*, ant. *tabayan* ou *tabanga*, e, *taba-y-au* ou *taba-anga*, a morada das almas; nome de uma serra em Sergipe. O modesto sergipano Valois Galvão traduz: as muitas aldeias. Ou seja «naquella serra mora alguem» ou seja a «morada das almas», ou, finalmente, «as muitas aldeias», é certo que o facto posterior directa ou indirectamente as confirma; e assim parece garantir a definição de Martius, de sentido um tanto tragico. S. Antonio é o padroeiro da cidade, mas o arago, a invocação completa é S. Antonio e *Almas* de *Itabayna*.

Como disse, tomei de Martius o motivo para este pequeno poema; porem o desdobramento correu por conta da minha imaginação. Bem ou mal escripto, sem arte e sem estylo, celebra (e não ha outro em Sergipe) um episodio regional, digno de lyra mais poderosa. Pòde porem figurar na Revista do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, para onde o remetto, esperando ser o mesmo publicado, porquanto é como um esgalhe da nossa arvore de lendas e de tradições de um passado mais longinquo, e tambem reveste um colorido historico.

O mytho é a palavra primitiva, que se tornou, no correr dos tempos, legendaria e crystallizada, como o ramo de Salzbourg, ao qual allude Sthendal. A historia compõe-se de duas correntes: uma de

factos, que se converteram em factos ideiaes, devido ao seu incalculavel afastamento nas nevoas do passado; outra de factos reaes, positivos, gravados nos monumentos, nos papyros, nos livros modernos. Nem devemos desprezar aquelles, visto que, não raro, são subsidiarios dos segundos.

S. Christovam, 24—IX—1927.

M. P. Oliveira Telles.





PALAVRAS PROFERIDAS POR J. PIRES WYNNE,
POÉTA E JOVEN JORNALISTA CONTER-
NEO NA SESSÃO DE 8 DE JULHO DE 1928,
AO SER RECEBIDO, COMO SOCIO, NO,
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHI-
CO DE SERGIPE.

Senhores:

Ao transpôr, hoje, ha pouco, as portas desta casa, entrando este Templo, mais que de outras vezes senti-me penetrado de nobre orgulho pelas cousas e homens de minha terra; mais que de outras vezes, sim, disse e é mister que eu vos explique: é a minha admiração que augmentada sinto sempre que aqui venho e recordo os feitos memoraveis de Garcindo, os impetos da bravura, os raios do heroismo no campo de batalha, ou deslumbrado vejo o fulgôr do genio nas obras immortaes de Fausto e de Tobias.

Mas, meus senhores, hoje mais que hontem, porque não dizer?— (deixem-me a vaidade fallar) ao penetrar este recinto para tomar assento ao lado dos que aqui mourejam na gloriosa labuta que é defender os nomes luminosos de nossa Historia da perfida poeira do Tempo, senti-me verdadeiramente emocionado, orgulhoso e satis-

feito, por ver que a vossa perscrutadora e generosa bondade acolhendo-me entre vós, advinhava e realisava um dos desejos mais ardentes do meu espirito.

E agóra, meus senhores, entre vós, cumpre-me agradecer o prazer que me destes.

Como ?

Dizer-vos palavras bombasticas, sonoras, coloridas ! ?

Não.

Não devo dizer, nem sei dizer-vos.

Sei que a "eloquencia é o privilegio divino da palavra na sua expressão mais fina, mais natural, mais bella".

Assim disse Ruy Barbosa.

"E' a evidencia alada, a inspiração resplandesciente, a convicção electrizada, erupção, cachoeira" e, meus caros patricios, eu sou ainda um noviço das lettras, nem me julgo orador nem tenho os dons divinos do tribuno.

Que devo dizer ?

O que devo dizer é que as orações, as palavras de agradecimento em instantes de emoção como este que ora invade a minh'alma, não podem ter o arrôjo, os arroubos de outros momentos, sinão a simplicidade que é a verdadeira linguagem do coração.

Senhores, aqui estou; aqui estou ao vosso lado, para estudar e seguir convosco na brilhante e digna jornada que emprehendestes, louvar e batalhar pelo vosso ideal.



Documentos inéditos da Bibliotheca Publica

Acta da sessão do Conselho do Governo da Pro-
vincia de Sergipe do dia 15 de Março
de 1831.

CXXXIV

Estando presentes os Illmos. Senres. Conselheiros do Governo Bento de Mello Pereira, Joaquim Martins Fontes, José Francisco de Menezes Sobral, e Supplente Ignacio Dias de Oliveira, faltando com participação de doentes os Illmos. Senrs. Conselheiros Manoel de Deos Machado, José Pinto de Carvalho, e Luiz Antonio Esteves, declarou o Exmo. Senr. Presidente aberta a Sessão, indicando q' o principal objecto desta reunião era dar cumprimento á Portaria Imperial expedida pela Secretaria de estado dos Negocios do Imperio de data de 13 de Novembro ultimo q' requisitava deste Conselho as informações q' se julgarem convenientes sobre os meios de se tornar menos gravoso aos Povos, e lucrativo á Fazenda o imposto dos Dizimos, e de substituillo por outro, q' tivesse aquellas duas condições, cuja materia tinha ficado addiada da Sessão extraordinaria de 3 de Fevereiro passado.

Lerão-se então os esclarecimentos q' se tinham solicitado das differentes Camaras Municipaes da Prova, á tal respeito e q' foram enviados pelas Camaras de Propriá, Itabaiana, Estancia, Lagarto, Gerá, e Villa Nova, faltando os da Camara desta Ci-

dade, e Santo Amaro das Brotas, que não satisfizeram ainda semelhante requisição.

Posta a materia á consideração, e deliberação do Exmo. Conselho, depois das mais serias e ponderozas reflexões, foi este de parecer unanime, que o imposto dos Dizimos, como odioso, e mui pezado aos Povos, e demais de mui difficil, e dispendioza cobrança devia ser abolido, e apezar de reconhecer o mesmo Conselho, q' muito convenientemente era favorecer a exportação dos generos da Produção do Imperio, devendo esta ser o mais possivel alliviada de imposições q' antes deveriam recahir sobre o consumo dos mesmõs generos no Paiz, com tudo foi tam bem de parecer, que em qto. se não alterasse o sistema das Imposições, do Imperio, cujo objecto reclamava urgentes providencias, q' o dito imposto dos Dizimos fosse substituido por hum Direito de Exportação, cobrado do mm^o. modo e forma porque se arrecadão os chamados Direitos de Consulado, e pelas mm.^{as} administrações, estabelecendo-se porém nos Portos «inteiros» Digo, interiores, denominados secos, Registros, ou Cazas de Arrecadação, aonde não houverem, para a cobrança, dos direitos, q' devem pagar as Produções q' se transportarem pr. terra de humas para outras provincias. Pareceu ao mesmo Conselho outrossim, q' este direito em attenção ao favor q' nas circumstancias presentes deve merecer a nossa Lavoura, não pôde ser mais de cinco por cento pelo valor no mercado dos generos que sahirem de humas pa. outras Provincias, e dez dos que se exportarem para fora do Imperio, abolido outro qualquer Direito de Exportação, e podendo taes prestações ser pagas por Letras á prazos; e os generos que se exportarem de outra Provincia q' não for a productora devem soffrer os descontos dos Direitos q' já tiverem pago na occasião da sahida da Provincia, q' os produzio, para nunca pagarem mais de dez por cento de exportação.

Quanto porem ao Gado Vaccum, cavallar achou o mmo. Conselho q' pa. não soffrer á Fazenda

grande desfalque nas suas Rendas poderia cobrar-se este direito de cinco por cento de todo aquelle q' se vendesse, ainda q' seja na mma. Prov.^a, havendo nesta cobrança a necessaria fiscalisação. E assim declarou o mm.^o Conselho ser o seu Parecer sobre este importante objecto.

Foi presente mais ao Exm.^o C. huma representação do Juiz de Paz da Villa de Santa Luzia, mostrando a necessidade de continuar ali o destacamento q' se tinha mandado retirar, e pondo o Exm.^o Sr. Presidente este negocio a deliberação, e consideração do Conselho, assentou este q' seria conveniente, q' se annuisse á Representação do dito Juiz de Paz, mandando-se pa. ali um pequeno Destacamento de trez soldados de Tropa de Linha, e hum Inferior.

Do q' tudo pa. constar se lavrou a presente acta, q' eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo, e do Conselho, a escrevi:

(A. A.) *Joaquim Marcellino de Brito*
Bento de Mello Pereira
Ignacio Dias de Oliveira
José Francisco de Meneses Sobral
Joaquim Martins Fontes.

Acta da sessão extraordinaria de 16 de Março
 de 1831.

CXXXV

Aberta a sessão com os Illms. Srs. Conselheiros abaixo assignados, o Exmo. Senro. Presidente poz á consideração do Exm. Conselho hum officio, que se leo da Camara Municipal da Villa de Propriá datado de 5 de Fevereiro ultimo relativo a violencia praticada pelo consulado de Penedo, contra negociantes desta Provincia, querendo delles

cobrar direito do algodão que exportão para a Bahia, como effectivamente tem cobrado a pretexto de serem producção da Provincia, das Alagoas, quando parte dos ditos algodoads são desta mesma Provincia, pertencendo a maior parte á de Pernambuco, de onde vem vender-se á mencionada Villa de Propriá mormente das partes do Buique, e Garanhuns, e outros lugares da Commarca Nova do Serião da referida Provincia.

Leo-se mais sobre o mesmo objecto outro officio do Thezoureiro da Commissão de Villa Nova de 28 de Fevereiro deste anno, e hum requerimento Tenente José Antonio de Medeiros Chaves, que fora remettido pelo Cons. Geral da Provincia ao mesmo Exm. Senr. P. em Officio do seo Secretario do 1.º do corrente.

Posta esta materia á deliberação do Exm. C. e reconhecendo este geralmente a injustiça dos procedimentos da quelle Consulado da V.ª do Penedo, sobre a exigencia de Direitos dos volumes pertencentes á Negociantes desta Prov.ª e que levão as marca da mesma Prov.ª, P. S., á titulo de serem o generos contidos nos mesmos volumes producção da Prov.ª, das Alagoas quando pela maior parte tal não acontece, devendo-se antes esta Prov.ª á este respeito considerar mais lezada por se transportarem muitos generos de sua Produccção para aquella, e que pagão ali os Direitos, de unanime voto, que se levasse este negocio á Alta Consideração de Sua M. O. Imperador, e que ao mesmo tempo se Officiasse ao Prezidente da dita Provincia das Alagoas para dar as providencias a fim de cessarem da parte dos Empregados do referido Consulado do Penedo similhantes violencias, que podem occasionar dissensões entre as duas Provincias, que já principião e que muito se devem evitar; devendo-se logo communicar á Camara Municipal da V.ª de Propriá, e as Authoridades a quem pertencer esta deliberação do mesmo Conselho.

Seguiu-se a leitura de huma Representação

assignada por muitos Cidadãos habitantes da Povoação da Capella de Nossa Senhora da Purificação de Japarutuba, pedindo ali a criação de huma Cadeira de Gramatica Latina, cuja pertença veio informada favoravelmente pela Camara da V.^a de Santo Amaro da Brotas, á cujo Districto pertence, e o Exmo. C. resolveo, que á vista da Lei não lhe competia o deferimento de tal requerimto. apesar de reconhecer a sua justiça.

Capella

Resolveo mais o mesmo Conselho, que se pozesse á Concurso por Editaes do estilo a Cadeira de Gramatica Latina da V.^a de Lagarto por estar vaga pela morte de seu Proprietario, dando-se o prazo de sessenta dias, para concorrerem os Candidatos.

By

E de tudo para constar se lavrou esta Acta, que eu José Pedro de Faria, Secretario do Governo e do Conselho a escrevi:

Joaquim Marcellino de Brito
Bento de Mello Pereira
Ignacio Dias de Oliveira
José Francisco de Menezes Sobral
Joaquim Martins Fontes

Acta da sessão extraordinaria de 17 de Março de 1831.

CXXXVI

Reunidos os Illmos. Sres. Conselheiros, abaixo assignados declarou o Exmo. Senr. Prezidente aberta a Sessão, levando a consideração do Exmo. Conselho duas representações dirigidas contra os Professores de Primeiras Letras, desta Cidade Antonio José Peixoto Valladares, e da Povoação de São Pedro do Porto da Folha Joaquim Joze Ferreira, sendo ambas assignadas pr. muitos Cidadãos, e remetida á primeira ao mmo. Exmo. Senhor P. pelo C. Geral da Provincia em Officio de quatro de

Fevereiro ultimo, e Resolve-se, q' fossem as ditas Representações enviadas ás Camaras Municipaes respectivas para informarem sobre os seus objectos circunstanciadamente, ouvindo por escripto os mencionados Professores.

O mmo. Exm. Senr. P. poz á deliberação do mesmo Exmo. C. hum Officio do Conselho Geral da Prova. que representava os inconvenientes q' se seguiam da falta de huma Commissão no Porto de Maroim, requisitando á tal respeito as devidas providencias, e se assentou, q' estando este negocio já affecto á Sua M. o Imperador se devia esperar do Mesmo Augusto Senhor a sua decisão.

Foi finalmte. presente ao mesmo Exmo. C. huma Representação do Cidadão Joaquim José Gomes, pedindo a bem da fazenda providencias pr. se restituir pelos herdeiros do falecido Advogado Manoel Vicente de Carvalho Aranha a qta. de duzentos mil reis q' este recebera da mma. Fazda. individualmte. quando Ouvidor interino desta Comarca, e igualmente a informação q' á tal respeito dera o Administrader da Fazda. Publica, e deliberação, q' ficasse esta materia addiada pa. as Sessões Ordinarias, a fim de haver á tal respeito toda a madureza, e circumspecção.

E assim se encerrou a presente reunião extraordinaria. Do q' tudo pa. constar se lavrou a presente Acta q' eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo a escrivi.

(A A.) *Joaquim Marcellino de Brito*
Joaquim Martins Fontes
Jozé Francisco de Meneses Sobral
Bento de Mello Pereira
Ignacio Dias de Oliveira.



Actas das sessões do Instituto

Acta da Sessão ordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, referente ao mez de Janeiro de 1928.

Aos seis dias do mez de Janeiro de mil novecentos e vinte e oito, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, onde está localisada a séde do Instituto, presente numero legal de socios, foi pelo Exmo. Sr. Presidente, Nobre de Lacerda, declarada aberta a sessão e lida a acta da anterior, que foi approvada.

Procedida a leitura do expediente, este constou de varias publicações recebidas, que foram mandadas archivar.

Em seguido tratou-se da construcção da séde do Instituto, declarando o Dr. Presidente que da conferencia havida entre o coronel Presidente do Estado e o Intendente da Capital ficára certo o apoio das mesmas autoridades ao nobre empreendimento.

Quanto ao terreno existente na Avenida Arthur Bernardes, e de propriedade do municipio, o coronel Intendente tinha dado sua palavra de offerecel-o ao Instituto, dependendo de autorisação do Conselho.

Foi então designada uma grande comissão para angariar donativos e resolvida a expedição de circulares aos nossos patricios, dentro e fora do Estado, com uma propaganda na imprensa, em beneficio da obra de que mais necessita o Instituto presentemente.

E como nada mais se tivesse a tratar lavrei a presente acta, que vae devidamente assignada.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enock Santiago.

Acta da sessão ordinaria de 6 de Fevereiro de 1928.

Aos seis dias do mez de Fevereiro de 1928, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, sede do Instituto, com a presença de numero legal de socios, foi pelo Exmo. Sr. dr. Presidente, declarada aberta a sessão. Lida a acta da sessão anterior foi ella approvada, sem discussão.

Passando-se ao expediente, constou de jornaes e revistas recebidas e mais uma carta do professor Francisco da Graça Leite, renunciando o lugar de 1.º secretario.

Em vista da resolução do illustre consocio e mau gráo o pesar do seu afastamento foi acceita a sua renuncia e designado o dia 24 deste mez para se eleger o seu substituto.

Por ultimo, discutiram-se assumptos geraes da vida do Instituto, concernentes á construcção de sua sede, os quaes foram resolvidos, e por que nada mais houvesse a deliberar, lavrei a presente acta, que vae devidamente assignada.

(A. A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enock Santiago.

Acta da sessão extraordinaria de eleição realisada em 24 de Fevereiro de 1928.

Aos vinte e quatro dias do mez de Fevereiro de mil novecentos e vinte e oito, no salão da Bibliotheca Publica, sede do Instituto, com a presença de socios, em numero legal, como o accusava o livro da porta, foi declarada aberta a sessão pelo Exmo. dr. Nobre de Lacerda.

Lida a acta anterior foi approvada. Lido o expediente e constando de revistas e jornaes do paiz e do estrangeiro foram mandados ao archivo.

Em seguida o Exmo. Sr. Dr. Presidente declarou que a sessão fôra convocada para a eleição de um consocio para o cargo de 1.º secretario, vago com a renuncia do professor Francisco da Graça Leite.

Realizando-se esta, e fazendo cada socio sua chapa, depositando-a na urna, foi colhido o seguinte resultado, depois da necessaria verificação: — para 1.º secretario, professor Florentino Telles de Menezes, 23 votos; Enock Santiago, 2 votos.

O Exmo. Sr. Dr. Presidente proclamou eleito o professor Florentino Menezes e designou o dia 6 de Março, quando se realisa a sessão ordinaria do Instituto, para a posse do novo secretario.

Tendo comparecido ao Instituto o Dr. Mario Mello, secretario do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, em companhia do consocio Ascendino Argollo, a Directoria o recebeu com as maiores attentões pela sua individualidade e pela sua posição de ser socio correspondente do nosso gremio, dando-lhe assento ao lado do Presidente, e retirando-se acompanhado da Directoria até ao pé da escada.

E como nada mais houvesse a tratar foi encerrada a sessão da qual lavrei a presente acta, que vai devidamente assignada.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enock Santiago.

Acta da sessão ordinaria de 6 de Março de 1928.

Aos seis dias do mez de Março de mil novecentos e vinte e oito, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, onde o Instituto está localisado, com a presença de numero legal de socios, foi aberta a sessão. Não houve expediente. Em seguida o Exmo. Sr. Dr. Presidente declarou que tinha designado a sessão desta data para se effectuar a posse do novo 1.º secretario, professor Florentino Menezes; e estando o mesmo presente convidou-o a se assentar na cadeira a que tinha direito, e para a qual fora eleito, muito acertadamente, pelos votos dos seus consocios.

Neste acto o secretario professor Florentino Menezes, acompanhado dos consocios Epiphany Doria e Enock Santiago veio assentar-se no lugar designado.

Em vista de ter ficado uma vaga na Commissão de Historia, com a saída do professor Florentino Menezes, o Exmo. Sr. Dr. Presidente designou para ella o professor Arthur Fortes, designação feita com sympathia, pelo seu acerto.

Com a palavra o Dr. Edison de Oliveira Ribeiro, communicou que em companhia dos drs. Alvaro Fontes da Silva, e Antonio Teixeira Fontes se desobrigara da commissão de dar as despedidas do Instituto ao consocio, Ministro Heitor de Souza.

Tratando-se do assumpto da construcção da séde do Instituto foram eleitas duas commissão de sergipanos no Rio de Janeiro e Santos compostas de pessoas dedicadas á nossa terra.

Proseguindo os trabalhos foi presente á mesa uma proposta de novos socios effectivos devidamente approvada, e que consta das seguintes pessoas: Conego Mario Villas Bôas; Padre José Augusto da Rocha Lima; Padre Alberto Bragança de Azevedo; e Cícero Sampaio. O Dr. Presidente mandou-a á Commissão de admissão de socios.

Com a palavra o socio Epiphany Doria propoz-se lançasse na acta da sessão de hoje um voto de pezar pelo fallecimento do consocio Major Epimaco Azevedo, proposta que foi approvada. O Dr. Edison Ribeiro, em seguida, pediu a palavra e propoz, por sua vez, um voto de pezar pela morte do saudoso conterraneo Dr. Dias de Barros, proposta que tambem foi approvada. E como nada mais houvesse a tratar foi encerrada a sessão, lavrando eu a presente acta, que vai devidamente assignada.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enock Santiago.

Acta da sessão ordinaria de 10 de Abril de 1928.

Aos dez dias do mez de Abril do anno de mil novecentos e vinte e oito, nesta cidade de Aracajú, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, onde o Instituto tem sua séde, presente numero legal de socios, foi aberta a sessão pelo Exmo. Sr. Presidente dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda. O expediente constou de 2 cartas recebidas: do nosso patricio residente na capital federal, Dr. Moreira Guimarães, respondendo ao appello do Instituto, para a constracção de sua séde; do Instituto Historico e Geographico da Bahia, agradecendo dois exemplares da Revista do Instituto. Conston ainda de 2 cartões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, e do Archivo Publico Mineiro, agradecendo igual remessa de exemplares da Revista; de Officio do administrador dos Correios, accusando a communicacção da posse do primeiro secretario; de officio do XXIII Internacional Congress of Americanists, da Directoria Geral de Estatística solicitando dados sobre a nossa revista; do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, communicando a eleicção da nova Directoria.

Foram recebidas as seguintes revistas: Brazil Ferro Carril — 5 numeros; Anales de Instrucion Primaria, 2; Euciclopedia de Educacion, 1; Liga Maritima Brasileira, 1; Boletim de Informaçoes do Instituto de Engenharia, de S. Paulo, 1; Revistas do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, 1 numero, Jornaes foram recebidos 11, diversos.

Passando-se á ordem do dia foi presente á mesa, com o parecer favoravel apresentado pela Commissão de Admissão de socios a proposta de novos socios, senhores Conego Mario Villas Bôas; Padre José Augusto da Rocha Lima; Padre Alberto Bragança de Azevedo, e Ciceró Sampaio, sendo designado o dia 21 de Abril proximo para a recepção dos mesmos.

O Sr. Thesourelro, apresentando os documentos comprobativos, communicou á mesa que o saldo do Instituto era presentemente 4:476\$900, quatro contos quatrocentos e setenta e seis mil e novecentos reis.

Com o numero legal de assignaturas foram apresentadas para socios effectivos as seguintes pessoas: Professor Manoel Franco Freire; Manoel de Cavalho Barroso; Godofredo Diniz Gonçalves; Dr. Benigno de Assis; João Pires Wynne; D. Judith de Oliveira Ribeiro; D. Maria da Gloria Chaves; D. Norma Monte Alegre Reis; Dr. Octavivo do Espirito Santo; Zozino Lima; Dr. Gilberto David; Dr. Juliano Simões; Dr. Agnaldo Guimarães Passos; Major Theodorico Montes; Manoel Campos de Oliveira; Raymundo Leão; Dr. Oscar Lacerda; Dr. Adalberto Carvalho; João Nunes de Mello; Cel. Pedro Diniz Gonçalves; Dr. Manoel Rollemberg Rodrigues da Cruz e D. Maria Conceição Mello. O Exmo. Sr. Dr. Presidente enviou a dita proposta á Commissão de Admissão de Sócios, para o res-

pectivo parecer. E como nada mais houvesse a tratar lavrei do occorrido a presente acta, que vaé devidamente assignada.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enoch Santiago.

Acta da sessão ordinaria de 6 de Junho de 1928.

Aos seis dias do mez de Junho do anno de mil novecentos e vinte e oito, ás vinte horas, no salão superior da Bibliotheca Publica, reuniu-se a directoria do Instituto para a sessão ordinaria mensal.

Lida a acta anterior foi approvada. O expediente constou de officios, jornaes, cartas, cartões e livros recebidos, alem de uma medalha commemorativa do primeiro Centenario de Deodoro, enviada pelo Instituto Archeologico Alagoano. Lido, o parecer da Commissão á ultima proposta foi o mesmo approvado e marcado o dia 8 de Julho, as 20 horas, para a recepção dos novos socios. Alem disso foi resolvido que se consignasse em acta o movimento das caravanas organisadas para percorrer as cidades do interior, no intuito de angariar donativos para a construcção da séde do Instituto.

A primeira caravana seguiu para a cidade de Laranjeiras e foi composta do Dr. Nobre de Lacerda, como presidente; Florentino Menezes, Franco Freire, Conego Mario Villas Bôas e Alfredo Pinto, como thesoureiro, e alcançou a somma de um conto cento e setenta e quatro mil reis (1:174\$000).

A segunda se dirigiu no dia 20 de Maio para a cidade de Maroim, tendo como chefe o Dr. Prado Sampaio e como caravaneiros Waldomiro Telles; Benigno de Assis; J. Pires Wynne, e Alfredo Pinto, e deu o resultado monetario de setecentos mil reis (700\$000).

Foi tomado a resolução de se apresentarem novas caravanas, visando o fim do levantamento da séde social, e então designou-se o dia 17 de de Junho, para seguir até á cidade da Estancia a terceira caravana, que ficou assim constituída: dr. Nobre de Lacerda, presidente, drs. Alpheu Rosas, Benigno de Assis, Passos Cabral, Floro Freire e Surs. Epiphanio Doria, e Orlando Bittencourt; e ficou deliberado que ao regresso dessa caravana se organisaria a de Riachuelo. Em seguida o consocio Carlos Alfonso Pires Filgueiras, apresentou uma proposta para que o Instituto, aproveitando a viagem do raidman Pedro Barros, que vaé na baleeira Wanda, assistir a posse do presidente Avaro Paes, enviasse a esse digno consocio e ao Instituto Archeologico Alagoano, uma mensagem de congratulações, o que foi acceito.

O thesoureiro communicou que existia em caixa a quantia de nove contos e sessenta e oito mil reis (9:068\$000).

E como nada mais occorresse, lavrei a presente acta, que vae devidamente assignada.

(A. A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enoch Santiago.

Acta da sessão ordinaria de 6 de Julho de 1928.

Aos seis dias do mez de Julho do anno de mil novecentos e vinte e oito, no salão superior da Bibliotheca Publica, ás vinte horas, presente a directoria do Instituto, foi pelo presidente, dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda declarada aberta a sessão e lida pelo secretario a acta anterior, sendo approvada.

O expediente constou dos officios seguintes: do Professor Franco Freire, agradecendo sua eleição para socio; do Director da Estatística Federal pedindo notas; do Instituto Archeologico Alagoano agradecendo a mensagem enviada por este Instituto; do Director da Escola de Apprendizes Artifices comunicando a sua posse; de cartas de D. Adalberto Sobral, Bispo da Barra, remettendo a importancia de duzentos mil reis (200\$000) para a Casa de Sergipe; do Almirante Amyntas Jorge, enviando a importancia de dez mil reis (10\$000) pelo livro "Voto Secreto", vendido em beneficio da construcção da mesma Casa; de cartões do Dezebargador Simeão Sobral e do Coronel Affonso Fonseca enviando este cincoenta mil reis (50\$000) e aquelle vinte mil reis (20\$000); cartão do Archivo Publico Mineiro agradecendo a remessa da Revista do Instituto e igual agradecimento em cartão do Director da Bibliotheca Nacional; cartas do Sr. José Berlangue enviando uma lista da Casa de Sergipe com a importancia de cem mil reis (100\$000); telegramma do Sr. Alvaro Paes, governador de Alagoas, agradecendo a mensagem que o Instituto lhe enviou.

Constou dos seguintes livros recebidos: Enciclopedia de Educacion, de Montivideo, no Uruguay; Historia Geral das Bandeiras Paulistas, de Affonso de E. Tauaay; e Bibliotheca de la Junta de Historia Nacional; varias revistas e jornaes que foram mandados archivar.

Foi lida a seguinte proposta para socios effectivos: Alfredo Gomes de Araujo Pinto, jornalista e funcionario publico; Manços do Espirito Santo, commerciante; coronel Arthur Batalha Ribeiro, funcionario federal; Ernesto Abreu, funcionario federal e Dr. João de Albuquerque Maranhão, jornalista e funcionario federal; Dr. João da Silva Campos, publicista, residente no Rio de Janeiro, este para socio correspondente.

O presidente mandou ouvir a commissão de admissão de socios.

Em seguida o thesoureiro communicou o resultado monetario das caravanas de Estancia e Riachoelo, aquelle que foi de tres contos cento e cincoenta mil reis (3:150\$000) e o des-

ta última cidade que foi de oitocentos e sessenta mil reis (860\$000).

Communicou ainda o mesmo thesoureiro a existencia em caixa da quantia de treze contos quatrocentos e cincoenta e quatro mil e oitocentos reis (13:454\$800).

Nada mais havendo a tratar o dr. presidente encerrou a sessão, da qual lavrei, eu, Enoch Santiago, 2.º secretario, a presente acta, que vae devidamente assignada.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enoch Santiago.

Acta da sessão extraordinaria de 8 de Julho de 1928.

Aos oito dias do mez de Julho do anno de mil novecentos e vinte oito, no salão superior da Bibliotheca Publica, do Estado, séde social, ás 20 horas, presente a directoria, representante do Exmo. Sr. Cel. Presidente do Estado, Cel. José Silverio dos Santos, secretario geral, grande numero de pessoas convidadas, foi declarada, aberta a sessão extraordinaria, pelo presidente do Instituto, Exmo. Sr. Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, que proferiu neste acto eloquentes palavras, respeito á recepção dos novos associados.

Em seguida o orador official Dr. Edison de Oliveira Ribeiro fez o elogio dos recipiendarios, D. D. Maria da Conceição Mello, Maria da Gloria Chaves, Judith de Oliveira Ribeiro, Norma Monte Alegre Reis, e senhores J. Pires Wynne, Manoel Campos de Oliveira, Manoel de Carvalho Barroso, Manoel Franco Freire, Octavio do Espirito Santo e Raymundo Leão, passando depois a fallar sobre a data de 8 de Julho, que juntamente se commemorava.

Seguiu-se-lhe com a palavra o recipiendario academico M. de Carvalho Barroso, que realizou uma conferencia sobre a data 2 de Julho na Bahia, succedendo-lhe o professor Manoel Franco Freire, que fallou sobre a mulher. Pediu então a palavra o poeta J. Pires Wynne que agradeceu a sua acolhida no seio do Instituto. Por ultimo, encerrando a sessão, fallou novamente o Dr. Nobre de Lacerda, agradecendo o comparecimento das pessoas que se dignaram acceder ao convite do Instituto, e de tudo eu lavrei a presente acta, que vae devidamente assignada.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enoch Santiago.

Acta da sessão solenne de anniversario de 6 de Agosto de 1928.

Aos seis dias do mez de Agosto do anno de mil novecentos e vinte e oito, no salão de conferencias da Bibliotheca

Publica, ás 20 horas, presente o representante do Exmo. Sr. Cel. Presidente do Estado, Cel. José Silverio dos Santos, secretario Geral, e mais outras autoridades do Estado, grande numero de pessoas, entre as quaes senhoras e senhorinhas, foi pelo presidente do Instituto, o Exmo. Sr. Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, declarada aberta a sessão solenne de anniversario do Instituto, pronunciando S. Ex. no acto da abertura, inflamado discurso de congratulações pela passagem da grande data.

Determinou em seguida a leitura da acta da sessão anterior, que foi approvada, sendo lido tambem o expediente, que constou de cartas, livros e publicações, que foram mandadas archivar.

Como a passagem da data anniversaria estava designada para a recepção dos novos socios, Padre Mario de Miranda Villas Bôas, Cicero Sampaio e Dr. Benigno de Assis, o Dr. Presidente deu a palavra ao illustre consocio Epiphanio da Fonseca Doria para saudar os recipiendarios, substituindo o orador da casa, Dr. Edison de Oliveira Ribeiro, que por motivo superior não pôde comparecer.

O consocio Epiphanio da Fonseca Doria produziu expressiva saudação que mereceu muitos applausos.

Dos novos eleitos dois se excusaram de prestar compromisso na occasião, por motivo superior, tendo comparecido somente o padre Mario de Miranda Villas Bôas que satisfez a disposição regulamentar do Compromisso, recebendo o diploma respectivo.

O illustre sacerdote, terminada a cerimonia do recebimento do diploma, pediu a palavra e pronunciou vibrante oração, primorosa na forma, e no fundo, sendo ao terminar applaudidissimo.

Depois da oração do novo consocio o Dr. Presidente pronunciou palavras de agradecimento aos presentes, declarando encerrada a sessão, da qual lavrei a presente acta, que vae devidamente assignada.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enoch Santiago.

Acta da sessão ordinaria de 6 de Setembro de 1928.

Aos seis dias do mez de Setembro do anno de mil novecentos e vinte oito, no salão da Bibliotheca Publica, séde do Instituto, ás 20 horas, presentes o Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, presidente; Florentino de Menezes, 1.º secretario; Enoch Santiago, 2.º secretario; Dr. Edison de Oliveira Ribeiro, orador; e Epiphanio Doria, thesoureiro, foi declarada aberta a sessão ordinaria do mez de Setembro, lendo eu, abaixo assignado, a acta da sessão anterior, que foi approvado.

Pelo 1.º secretario foi apresentada a relação dos jornaes, revistas e publicações recebidas no mez, as quaes foram mandadas archivar.

Pelo 2.º secretario foi communicado á casa que se desobrigou da incumbencia de representar o Instituto na festa de anniversario do Gabinete de Leitura de Maroim.

Assignada por numero legal de socios foi presente uma proposta de admissão de socios effectivos, figurando nella os seguintes: Dr. Innocencio Asterio de Menezes Lins, juiz de direito da Comarca de Maroim; Dr. Joel Macieira de Aguiar, promotor publico da mesma Comarca; Carlos Santiago, jornalista; Manoel Mandarino Polito, commerciante; Alcibíades Vieira Dantas, commerciante; Josias Vieira Dantas, industrial; Pedro Garcia Moreno, pharmaceutico; professoras Maria Amélia Fontes e Leonisia Gentil Fortes; senhoritas Graziela Cabral e Maria Waldete Mello.

Esta proposta foi enviada á commissão de admissão de socios.

Pelo thesoureiro foi communicado á casa a existencia de um saldo de 16:024\$200, até o dia 31 de Agosto, apresentando ao mesmo tempo os documentos respectivos.

E como nada mais houvesse a tratar foi levantada a sessão, lavrando eu a presente acta que vae assignada.

(AA.) *F. Nobre de Lacerda*
Enoch Santiago.

Acta da sessão ordinaria de 6 de Outubro de 1928.

Aos seis dias do mez de Outubro do anno de mil novecentos e vinte e oito, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, sede do Instituto, presentes o Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, presidente; Florentino Menezes, 1.º secretario; Enoch Santiago, 2.º secretario; Dr. Edison de Oliveira Ribeiro, orador; e Epiphania da Fonseca Doria, thesoureiro, o presidente declarou aberta a sessão, mandando ler a acta da sessão anterior, que foi approvada.

Ao expediente o 1.º secretario communicou que durante o mez findo a casa recebeu os seguintes jornaes: Diario Official do Amazonas, 2 numeros; O Paullstano, 4 numeros; Norte de Sergipe, 3 numeros; O Commercio, 1 numero; Santo Antonio, 1 numero; Informação Goyanna, 1 numero; Revistas: Revista da Academia Brasileira de Letras, 2 numeros; Liga Maritima Brasileira, 1 numero; Boletim do Instituto de Engenharia, 2 numeros; Sergipe Judiciario, 1 numero. Foram remetidos ao archivo.

Presente o parecer da commissão de admissão de socios favoravel a acceptação dos candidatos: Dr. Innocencio Asterio de Menezes Lins, Joel Macieira de Aguiar, Carlos Santiago,

Manoel Mandarino Polito, Alcibiades Vieira Dantas, Josias Vieira Dantas, Pedro Garcia Moreno, Maria Amélia Fontes, Leonisia Gentil Fortes, Graziela Cabral e Maria Waldete Mello, foi o mesmo parecer posto em discussão e approvedo.

Tendo de se realizar a posse do novo consocio dr. Alpheu Rosas Martins, na Academia Sergipana de Letras, e attendendo ao convite para representação ao acto, o Presidente designou a seguinte commissão: Drs. Edison Ribeiro, Carlos Filgueiras e advogado Aurellano Bettamio.

E como tambem igual convite a casa recebera para assistir na mesma Academia Sergipana de Letras, a posse do consocio Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles designou outra commissão composta do Dr. Edison Ribeiro, advogado Aurellano Bettamio e Epiphany Doria.

E como nada mais houvesse a tratar foi encerrada a sessão, lavrando eu a presente acta, que vae devidamente assignada.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enoch Santiago.

Acta da sessão ordinaria de 6 de Novembro de 1928.

Aos seis dias do mez de Novembro do anno de mil novecentos e vinte e oito, nesta cidade de Aracajú, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica do Estado, presentes os senhores Drs. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, presidente do Instituto; Edison Ribeiro, orador; Florentino Telles de Menezes, 1.º secretario; Enoch Santiago, 2.º secretario; Epiphany Doria, thesoureiro, o presidente declarou aberta a sessão e mandou ler a acta anterior, que foi approveda.

O 1.º secretario apresentou a relação das publicações recebidas pelo Instituto no curso do mez findo, as quaes foram: Officio da Directoria de Estatistica agradecendo a remessa de notas que pedira; Officio do Instituto Historico e Geographico Parahybano, communicando a posse de sua nova Directoria; da professora Maria Amélia Fontes, agradecendo a sua eleição.

Revistas: Boletim do Instituto de Engenharia, 1 exemplar; O Mexico, 1 exemplar; Brasil Ferro Carril, 3 exemplares; Liga Maritima Brasileira, 1 numero e Revista da Academia Brasileira de Letras, 2 numeros e *Carta:* da senhorita Graziela Cabral, agradecendo a sua admissão. *Cartões:* do Dr. Bernardino de Souza, enviando 80 exemplares do folheto — Protesto contra a demolição da Sé. *Livros:* Documentos Historicos (Bibliotheca Nacional); Historia seiscentista da Villa de S. Paulo, por Affonso de Taunay; Recenseamento do Brasil, da Directoria de Estatistica. *Jornaes* — varios. O thesoureiro communicou que até o dia 31 de Outubro o saldo do Instituto montava na quantia de 18:541\$500.

Em seguida com a palavra o 1.º secretario, professor Florentino Menezes, em ligeiros traços esboçou a figura admiravel do emerito patricio que fôra o Dr. Jackson Figueiredo, que perecera na barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, e affirmação valiosa da intelligencia e da cultura de Sergipe, na capital da Republica, merecia o infortunado morto a demonstração do sincero pezar do Instituto; pelo que o orador pedia que se lançasse na acta de hoje um voto de pezar, o que foi unanimamente approvedo.

O Thesoureiro, Epiphany Doria, por sua vez, communicou á casa o fallecimento do Desembargador Manoel Caldas Barretto Netto, occorrido no Rio Janeiro a 16 de Outubro findo, e, recordando os serviços valiosos que o mesmo prestou, na presidencia do Instituto, por varias e seguidas vezes, requereu tambem a consignação de um voto de pezar na acta o que foi acceito, por todos, resolvendo a Directoria, no trigesimo dia do fallecimento do incaasavel consocio, um dos fundadores do Instituto, promover uma sessão em homenagem a sua memoria. O consocio, Dr. Edison de Oliveira Ribeiro pediu a palavra e requereu tambem um voto de pezar pelo fallecimento do socio Dr. Agenor Urbina Telles occorrido em S. Paulo.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enoch Santiago.

Acta da sessão extraordinaria em homenagem á memoria do Desembargador Manoel Caldas Barretto Netto, em 16 de Novembro de 1928.

Aos dezeseis dias do mez de Novembro do anno de mil novecientos e vinte e oito, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, onde o Instituto tem sua sede, presentes os membros da Directoria, magistrados, membros do Egrejio Tribunal da Relação e pessoas de todas as classes sociaes foi pelo presidente declarada aberta a sessão, explicando que ella fôra previamente designada para homenagear a memoria do socio fundador, desembargador Manoel Caldas Barretto Netto, que por varios biennios fôra presidente da casa, cargo que exercera com extrema dedicacão e maximo devotamento. Uma vez explicada a razão da homenagem que era de justiça, deu a palavra ao orador, Dr. Edison de Oliveira Ribeiro, que, na tribuna fez o elogio do emerito consocio e lembrou a todos o quanto o Instituto lhe deve pelos inumeros serviços prestados á sua causa.

Inscripto para fallar tambem sobre o desembargador Caldas Barretto occupou a tribuna o dr. Luiz José da Costa Filho, companheiro de directoria do pranteado consocio, e estudando sua personalidade como intellectual, magistrado e homem de incansavel actividade de trabalho, demorou-se evocando a accão do homenageado á frente do Instituto. Terminando pediu aos presentes que se levantassem e por dois segundos todos

se conservassem em silencio, honrando á memoria do benemerito patricio, fallecido na capital da Republica. Por ultimo o presidente do Instituto, dr. Nobre de Lacerda, agradeceu a presença de todos, declarando encerrada a sessão, do que lavrei a presente acta, que vae devidamente assignada.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enoch Santiago.

Acta da sessão ordinaria de 7 de Dezembro de 1928.

Aos sete dias do mez de Dezembro do anno de mil novecentos e vinte e oito, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, onde o Instituto tem sua sede, realizou-se a sessão ordinaria regulamentar com a presença de 5 membros da Directoria.

Lida a acta da sessão anterior foi approvada sem debates.

No expediente foram lidos: carta do Sr. Manoel Mesquita Santos, solicitando alguns numeros da Revista, officio do Dr. Innocencio Asterio de Menezes Lins, agradecendo sua admissoão como socio effectivo e do Dr. Director da Repartição Geral de Estatistica, pedindo notas.

Foram apresentados ainda varios jornaes e revistas recebidos de diversos pontos do paiz.

Na ordem do dia foi suggerida pelo Dr. Presidente a idéa de se prestar uma homenagem ao Exm. Sr. Dr. Washington Luis Pereira de Souza, Presidente da Republica, historiador e respeitavel estadista, como um reconhecimento dos seus confrades de Sergipe, ás suas excelsas qualidades de homem publico.

Acceita e apoiada por todos a proposta do Presidente do Instituto foi designado o dia 22 do mez corrente para ser collocado o retrato do eminente patricio no salão nobre, onde figura sua galeria de personalidades destacadas, afim de que ficasse elle figurando entre os grandes vultos da patria, que fazem jús á administração e respeito de todos.

Foi determinada ainda que se expedissem convites ao mundo official e ás classes representativas da Sociedade, para maior realce da homenagem do Instituto.

E como nada mais houvesse a tratar foi encerrada a sessão, tendo eu, segundo secretario sub firmado, lavrado a presente acta, que vae devidamente assignado.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enoch Santiago.

Acta da sessão extraordinaria de 22 de Dezembro de 1928.

Aos vinte e dois dias do mez de Dezembro do anno de mil novecentos e vinte oito, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, sede do Instituto, realizou-se a sessão extraordinaria designada para ser prestada uma homenagem ao Exm. Sr. Dr. Washington Luis Pereira de Souza, Presidente da Republica.

A's vinte horas, presentes o representante do Exm. Sr. Coronel Presidente do Estado, Officiaes da Força Publica, Federal e Estadual, representantes de varias classes, grande numero de associados, senhoras e senhoritas foi aberta a sessão pelo Exm. Sr. Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda, presidente do Instituto, que proferiu empolgante discurso, por todos applaudido, discurso em que estudou a personalidade notavel do Presidente Washington Luis, no duplo character de politico e historiador, dando a palavra em seguida ao Dr. Benigno de Assis, para em substituição ao orador official da casa, dr. Edison Ribeiro, proferir o discurso referente ao acto da collocação do retrato do eminente brasileiro, na galeria do Instituto.

O orador referiu-se a notavel obra da organização financeira levada a effeito pelo homenageado, na Presidencia da Republica, e de modo brilhante assentiu o grande valor moral que a sua personalidade vae propectando na vida nacional.

Terminou merecendo a sua oração os mais vibrantes applausos.

Como nada mais houvesse o Dr. Presidente do Instituto levantou a sessão, da qual lavrei a presente acta, que vae devidamente assignada.

(A A.) *F. Nobre de Lacerda*
Enoch Santiago.





BIBLIOGRAPHIA

Recebeu o Instituto durante o anno de 1928
as seguintes publicações, em character gratuito:

JORNAES

Academico (O) — Manáos
Commercio (O) — Maroim
Commercio da Parahyba — Parahyba
Diario Official do Estado do Amazonas — Manáos
Diario de Pernambuco — Recife
Folha Academica — Rio
Jornal de Campos — Campos
Norte de Sergipe — Propriá
Nova Catalunya — Montevideo (Uruguay)
Paulistano (O) — S. Paulo (Sergipe)
Santo Antonio — S. Antonio (Aracaju)

REVISTAS

Anales de Instrucion Primaria — Montevideo, Uruguay
Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará
— Belem

- Boletim Bibliographico da Bibliotheca Nacional — Rio.
- Boletim de Informações do Instituto de Engenharia de S. Paulo
- Boletim do Instituto Biologico de Defesa Agricola
- Boletim do Instituto de Engenharia de S. Paulo
- Boletim do Museu Nacional — Rio
- Brazil Ferro — Carril — Rio
- Enciclopedia de Educacion — Montevideo, Uruguay
- Folha Academica — Rio
- Informação Goyana (A) — Rio
- Junta de Historia Nacional — Montevideo-Uruguay
- Liga Martima Brasileira — Rio
- Revista da Academia Brasileira de Letras — Rio
- Revista de la Academia Americana de la Historia
- Revista Academica da Faculdade de Direito do Recife
- Revista do Archivo Publico Mineiro—B. Horizonte
- Revista do Instituto Archeologico e Geographia Alagoano-Maceió
- Revista do Instituto Historico e Geographico Paraybano
- Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul
- Revista do Museu e Archivo Publico do Rio Grande do Sul
- Revista de Sergipe, Aracajú
- Sergipe Judiciario — Aracajú

DONATIVOS DE LIVROS

Archivo Nacional — Rio: Documentos Historicos, tomos 1 a 5 e 7.

Biblioteca Americana — B. Ayres: Memoria y balanço de la Biblioteca Americana; Catalogo de la Biblioteca Americana.

Bibliotheca Nacional — Rio: A technica do bolchevismo; ideas geraes sobre a revolução no Brasil e suas consequencias por Francisco Sierra y Mariscal; Memorias sobre o estabelecimento do Imperio do Brasil, ou o novo Imperio Luzitano; Catalogo da mappotheca do Ministerio das Relações Exteriores.

Dr. Clovis Botelho — Grandes ideas do Partido Democratico pelo offertante; As tradições do liberalismo brasileiro pelo offertante.

Directoria Geral de Estatistica — Rio: Recenseamento do Brasil de 7 de Setembro de 1920.

Feliz Soares de Mello — S. Paulo: Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, tomo XXIII; A formação do nosso patrimonio e as nossas riquezas pelo offertante.

Dr. Affonso E. Tannay — S. Paulo: Historia Geral das bandeiras paulistas, tomo III pelo offertante; Historia seiscentista da Villa de S. Paulo tomo III pelo offertante.

Almirante Henrique Boiteux — Florianopolis: Os municipios de Tijucas Grande e Porto Bello pelo offertante.

Instituto Geographico e Historico da Bahia: Protesto contra a demolição da Sé; Humberto de Campos, discurso pelo Dr. Deraldo Diniz.

Karlos Webeer — Bahia: Relatorio da Associação dos Empregados no Commercio da Bahia.

Dr. Simões da Silva — Rio: O padre Cicero e a população do nordeste pelo offertante.

Luiz Lavenère — Maceió — : A musica em Alagoas, pelo offertante.

Dr. Gondim Filho — Recife: A comarca de S. Francisco pelo offertante.

Dr. Nelson de Senna — B. Horizonte: Vias maritimas de comunicação pelo offertante.

Dr. José Carlos de Macêdo Soares — S. Paulo: A politica financeira do presidente Washington Luis pelo offertante.

Dr. João da Silva Campos - Rio: Navegação e Con-

quistas por Zeferino Candido; Bahu Velho por Viriato Correia.

Dr. Paulo Duarte — S. Paulo : Agora nós pelo offertante.

Dr. Jayme d'Altavilla — Maceió : Diario de todos os amantes pelo offertante.





PAGINA DE SAUDADE

Rende o Instituto sincera homenagem aos seus associados desaparecidos na voragem da morte, a saber :

Major Epimaco Azevedo, fallecido em Laranjeiras, a 6 de Março de 1928 ;

Dr. Silverio Martins Fontes, fallecido em Santos, a 27 de Junho de 1928 ;

Dr. Jackson de Figueiredo, tragicamente fallecido, por afogamento n'uma das praias da Capital federal, a 13 de Setembro de 1928 ;

Desembargador Manoel Caldas Barretto Neto, que tanto se devotára do Instituto, fallecido na Capital federal, a 16 de Outubro de 1928 ;

Dr. Agenor Urbina Telles, fallecido na Capital paulista, em 11 de Novembro de 1928.



INDICE

	PAGS.
Merecida homenagem.	11
✓ Pela historia —Um trecho de Sergipe occidental pelo Dr. Carvalho Neto.	13
Discurso pronunciado pelo Dr. Floro Freire na sessão, de 12 de Outubro de 1926.	69
Itabayana, poemeto pelo Dr. M. P. de Oliveira Telles.	85
Palavras pronunciadas por J. Pires Wynne na sessão, de 8 de Julho de 1928.	101
✕ Documentos inéditos da Bibliotheca Publica — Actas do Conselho do Governo da Provincia.	105
Actas das sessões do Instituto do anno de 1928.	113
Bibliographia.	127
Pagina de Saudade.	131

